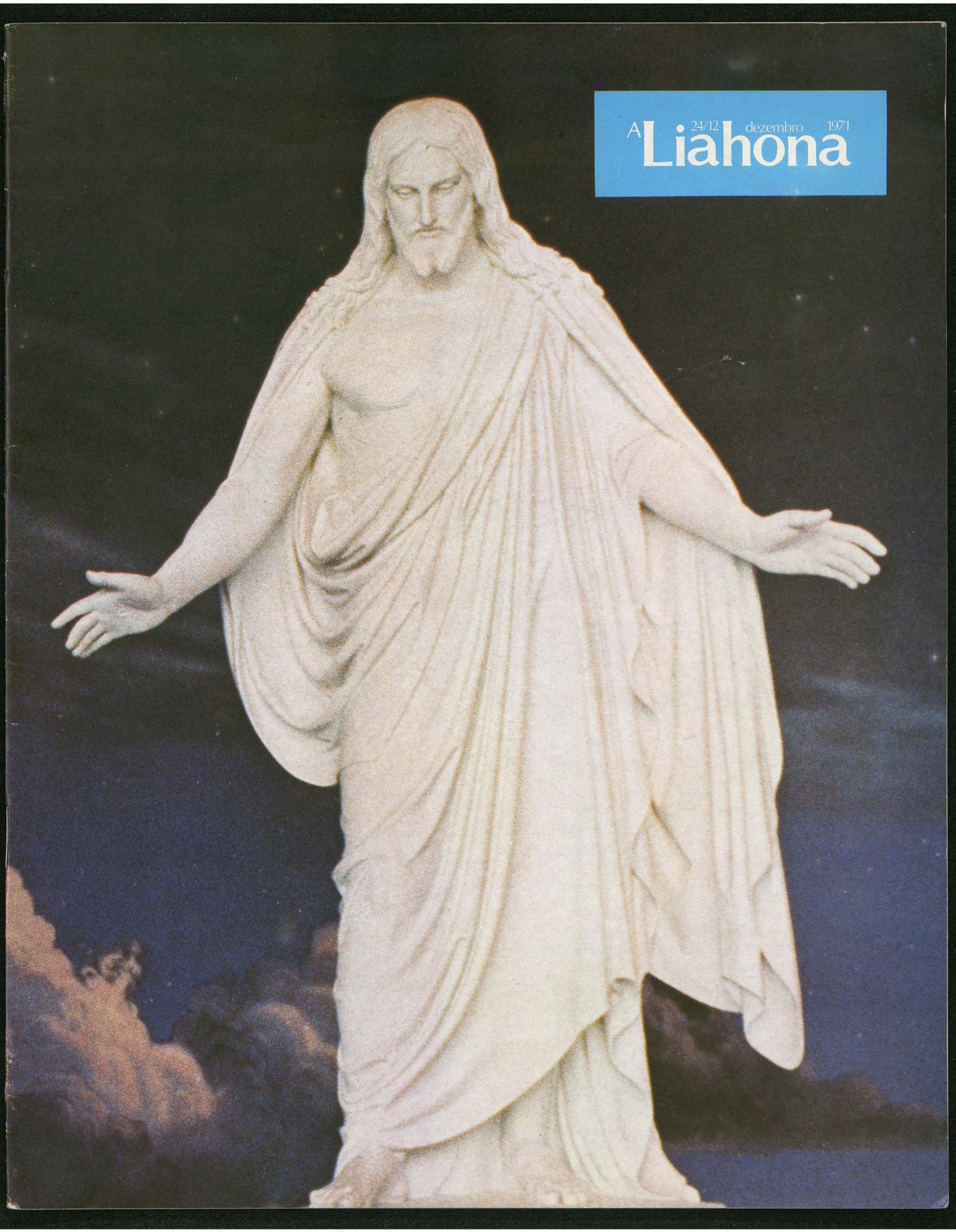

A Liahona
24/12 dezembro 1971

MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO



Franklin D. Richards

Assistente do Conselho dos Doze

O **autor inglês Charles Dickens escreveu:** "Na vida, usamos as cadeias que forjamos." Que grande verdade! E como é importante forjar uma cadeia que nos trará uma vida rica e compensadora — e lembre-se de que as minúsculas cadeias do hábito geralmente são leves demais para serem sentidas, até que se tornem demasiado fortes para podermos rompê-las.

No forjamento de uma forte cadeia de vida, o hábito da honestidade bem poderá tornar-se um dos elos mais brilhantes e fortes.

Existe uma grande força em centralizar-se a atenção num ideal ou princípio como a honestidade. Contudo, para muitos, o verdadeiro sentido da honestidade como um valor moral tem sido terrivelmente distorcido.

Ao pensar em honestidade, a primeira coisa que nos ocorre são as relações com o próximo, porém, em muitos aspectos, é mais importante ser honesto consigo próprio.

Na peça teatral **Hamlet, Shakespeare** faz o personagem Polonius dizer a seu filho Laertes: "Acima de tudo, sê honesto contigo mesmo, e infalivelmente como a noite segue o dia, não poderás ser falso para com ninguém." (Ato 1, Cena 3).

Quando alguém adota o padrão de ser honesto com o próprio "eu" e se compromete neste sentido, deu um passo imenso em direção à felicidade e ao sucesso.

Quando alguém é honesto com o próprio "eu", não conseguirá ser infiel à sua família, desonesto para com o empregador ou desleal para com Deus e a sua pátria.

NESTE NÚMERO

Mensagem de Inspiração. Franklin D. Richards 2
Nossas Responsabilidades... Pres. Joseph Fielding Smith 3
Guarda de meu Irmão. Bispo John Vandenberg 5
AMOR A DEUS. Bernard P. Brockbank 8
"NÃO ADULTERARÁS". Milton R. Hunter 11
SATANÁS — O GRANDE IMPOSTOR. Marion G. Romney 14
A CARTA. Lucile C. Reading 17
Debbie e a "lousa-falante". Dorothy D. Warner 18
Água Vivificante. Pres. Loren C. Dunn 21
O lugar-tenente de Papai Noel. Dora D. Flack 24
Ainda, que eu Andasse. Melvin DeGraw 26
Uma Questão de Princípios. Lael J. Littke 28
Recordações de Natal. Richard L. Evans 31
Notícias da Igreja no Brasil. 32

CAPA

A **famosa estátua de Cristo** de Bertel Thorvaldsen, escultor dinamarquês do século passado, foi reproduzida anos atrás pelo artista italiano Aldo Rebechi.

Essa cópia se encontra atualmente no Centro de Visitantes da Praça do Templo, na Cidade do Lago Salgado, Utah, tendo ao fundo o panorama do universo, os braços abertos de Jesus Cristo parecem convidar os povos de todo o mundo a virem a ele.

A Liahona 24/12 dezembro 1971

Publicação Mensal da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias editada pelo
CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675 — 282-5948

EDITOR
Hélio da Rocha Camargo

REDATOR
Aldo Francesconi

ESTACA SÃO PAULO
R. Brig. Faria Lima, 1980, São Paulo, SP

ESTACA SÃO PAULO LESTE
R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

CORRESPONDENTE
Dante T. J. Pantiga

ESTACA SÃO PAULO SUL
R. Catequese, 432, Santo André, SP

CORRESPONDENTE
Nívio Varella Alcover

MISSÃO BRASIL CENTRAL
R. Henrique Monteiro, 215
CP 20.809, São Paulo, SP
Tel. 80-4638

CORRESPONDENTE
Michael Deputy

MISSÃO BRASIL SUL
R. Dr. Flôres, 105, 14.º
CP 1513, Pôrto Alegre, RS
Tel. 24-9748

CORRESPONDENTE
Robert Levonian

MISSÃO BRASIL NORTE
R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
CP 2502, ZC-00, Rio de Janeiro, GB
Tel. 225-1839

CORRESPONDENTE
Richard Stayner

CONSTRUÇÃO GERAL NO BRASIL
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 288-4118

CORRESPONDENTE
Manoel Marcelino Netto

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressôras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editôra Gráfica Lopes, Rua Francisco da Silva Prado, 172, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações espontâneas e matéria oriunda dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

SUBSCRIÇÕES: Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatural anual para o Brasil: Cr$ 12,00; para o exterior, simples: US$ 3,00; aérea: US$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 1,20; exemplar atrasado: Cr$ 1,50. As mudanças de enderêço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o nôvo enderêço, devendo-se aguardar até oito semanas para o processamento postal.

L.D.S. CHURCH
TRANSLATION SERVICES DEPT.
LIBRARY

Esta mensagem, endereçada especialmente ao Sacerdócio, foi proferida na sessão do Sacerdócio da 141.ª Conferência Anual da Igreja.



Nossas Responsabilidades como Portadores do Sacerdócio

Presidente Joseph Fielding Smith

Caros irmãos do Sacerdócio:

Nesta noite, eu os saúdo como cidadãos na família de fé, como irmãos no reino de Deus, como portadores do santo Sacerdócio, convidando-os a considerarem comigo algumas das graves responsabilidades que nos cabem, devido à divina autoridade do Senhor que possuímos.

Somos agentes do Senhor, seus representantes; êle nos deu a autoridade que nos faculta fazer todo o necessário para salvarmos e exaltarmos a nós próprios, bem como a seus outros filhos no mundo.

Somos embaixadores do Senhor Jesus Cristo. Nossa comissão é representá-lo. Fomos mandados a pregar o Evangelho, a realizar as ordenanças de salvação, a abençoar a humanidade, a curar os enfermos e talvez realizar milagres, a fazer aquilo que êle faria, se estivesse presente — e tudo isso porque somos portadores do santo Sacerdócio.

Como agentes do Senhor, somos obrigados pela lei a fazer o que êle quer que façamos, a despeito de sentimentos pessoais ou engodos mundanos. Por nós mesmos, não temos mensagem de salvação, nem doutrina que precise ser aceita, nem poder para batizar ou ordenar ou casar para a eternidade. Tôdas estas coisas promanam do Senhor e tudo o que fazemos nesse sentido é o resultado de autoridade delegada.

Quando nos filiamos à Igreja e recebemos o Sacerdócio, espera-se que abandonemos muitos dos caminhos do mundo como "convém aos santos" (Romanos 16:2) Não devemos mais nos vestir, falar, agir ou mesmo pensar como os outros o fazem frequentemente. Muita gente no mundo usa chá, café, tabaco e bebidas alcoólicas, além de envolver-se com drogas. Muitos blasfemam, são vulgares e independentes, imorais e impuros, mas tudo isso nos deve ser estranho, pois somos os santos do Altíssimo, portadores do santo Sacerdócio.

O Senhor disse à antiga Israel pela boca de Moisés:... "se diligentemente ouvirdes a minha voz, e guardardes o meu concerto, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos: porque tôda a terra é minha.

"E vós me sereis um reino sacerdotal e o povo santo". (Êxodo 19:5-6).

Essa promessa é nossa também. Se palmilhares os caminhos da virtude e da santidade, o Senhor derramará sôbre nós bênçãos em tal profusão, que jamais julgaríamos possível. Seremos, então, verdadeiramente como disse Pedro, "a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo peculiar"[1]. (I Pedro 2:9) E seremos peculiares por sermos diferentes dos outros povos que não vivem segundo esses padrões.

"Conclamo a Igreja e todos os seus membros a que abandonem os males do mundo".

Já somos uma nação santa e um povo peculiar na medida em que superamos o mundo. Infortunadamente, porém, existem ainda entre nós aqueles que não dão primazia às coisas do reino de Deus e não vivem segundo os padrões da Igreja.

Conclamo a Igreja e todos os seus membros a que abandonem os males do mundo. Temos que evitar a falta de castidade e qualquer forma de imoralidade como o faríamos com uma praga. Não devemos conter as fontes de vida pelo controle da natalidade. Não devemos incorrer nos atos iníquos e maléficos do aborto.

Nenhuma pessoa cujo modo de viver esteja em oposição à estabelecida ordem de decência e de obediência à lei, poderá ser considerada um membro digno da Igreja. Não é possível estar-se em oposição à lei e, ao mesmo tempo, em harmonia com o Senhor, pois este ordenou que devemos estar "sujeitos aos poderes estabelecidos até que reine aquele cujo direito é reinar..." (D&C 58:22). Em um dia desses dias, ele há de vir.

Como servos do Senhor, nosso propósito é andar pelo caminho que ele nos traçou. Não somente desejamos fazer e dizer o que lhe agrada, como procuramos viver de maneira que nossa vida seja semelhante à dele.

Ele próprio deu o exemplo perfeito em todas as coisas e nos disse: "Segue-me tu" (João 21:22). Aos discípulos nefitas, perguntou: "...que classe de homens devereis ser?", e depois deu a resposta: "Em verdade vos digo que devereis ser como eu sou". (3 Néfi 27:27).

Pois bem, estamos engajados na maior obra do mundo. Este Sacerdócio que possuímos é o poder e a autoridade do próprio Senhor; e prometeu-nos que, se magnificarmos nossos chamados e andarmos na luz como ele está na luz, teremos glória e honra para todo o sempre com ele no reino do Pai.

Com tal gloriosa esperança diante de nós, poderíamos fazer menos do que abandonar os caminhos iníquos do mundo? Não devemos, então, dar primazia às coisas do reino de Deus em nossa vida? Não devemos viver segundo toda a palavra que sai de sua boca? Não devemos magnificar nossos chamados, tornando-nos verdadeiramente um reino de sacerdotes e irmãos justos?

As bênçãos que recebemos, se guardarmos os mandamentos, excederão tudo o que nossa atual capacidade pode aprender. Sou grato pelo Evangelho, pela Igreja e, pelo reino de Deus na terra, e pela esperança de vida eterna que o Senhor nos deu.

Testifico-lhes que a obra é verdadeira e rogo que todos nós possamos ser fiéis aos nossos convênios e, tendo recebido paz e alegria nesta vida, continuemos para a herança de felicidade e glória eternas no mundo vindouro. Digo isto grave e humildemente em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

1. Traduzido diretamente do inglês por discrepância na versão portuguesa. N. do T.

O Senhor nos fez irmãos, porque necessitamos uns dos outros.

Guarda de meu Irmão

Bispo John Vandenberg
Bispo Presidente



Uma jovem mãe, tendo sofrido a dolorosa experiência de perder seu filho pequeno num acidente, solicitou a um líder da Igreja uma bênção para confortá-la em sua dor. Ao sair, perguntou por entre lágrimas: "Nesta vida sempre tem que haver sofrimento?"

Ao considerar essa questão, recordemos a primeira família existente na terra. Lemos na Bíblia que Eva concebeu e teve a Caim, e disse: "Alcancei do Senhor um varão.

"E teve mais a seu irmão Abel; e Abel foi pastor de ovelhas, e Caim foi lavrador da terra".

E no correr do tempo, Caim irou-se porque o Senhor atentou para a oferta de Abel que lhe trouxe dos primogênitos de seu rebanho e desprezou os frutos da terra ofertados por ele.

"E falou Caim com o seu irmão Abel; e sucedeu que, estando eles no campo, levantou-se Caim contra o seu irmão Abel, e o matou.

"E disse o Senhor a Caim: Onde está Abel, teu irmão? E êle disse: Não sei; sou eu o guardador do meu irmão?

"E disse Deus: Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama a mim desde a terra". (Gênesis 4:1-10).

Dor, pesar e tragédia têm acompanhado a raça humana desde aquele acontecimento. Mas atentemos para a pergunta desse episódio das Escrituras: "Sou eu o guardador do meu irmão?"

O que pensamos sôbre essa pergunta? Qual encargo nos deu o Senhor em relação a ela? Vejamos o seguinte trecho de 1 João, cap. 3:

"Porque esta é a mensagem que ouvistes desde o princípio: que nos amemos uns aos outros.

"Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Quem não ama a seu irmão permanece na morte.

"Conhecemos a caridade nisto: que ele deu a sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos irmãos.

"Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade". (I João 3:11, 14, 16, 18).

Qual é a semente do amor materno? Não é sacrifício? E esse amor é considerado o mais profundo e carinhoso. Será porque a mãe passa pelo vale da sombra da morte para dar à luz o filho e se sacrifica continuamente pelo bem-estar dele?

Será por isto que Cristo ama o mundo? Porque labutou para criá-lo? Porque sacrificou a vida pelo mundo e seu povo? É-nos dito que "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito" (João 3:16) para salvá-lo da ruína, e o Filho estava disposto a sofrer pela salvação daquilo por que labutara.

Todos nós amamos o que nos exige sacrifício. Dar e servir até o sacrifício gera amor. O termo **religião** abrange o cuidado por nossos irmãos, como nos foi dito em Tiago 1:27: "A religião pura e imaculada para com Deus e o Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações...

Quando alguém diz: "A religião é muito boa para alguns, mas eu não sou religioso e ela nada significa para mim", será porque não experimentou o enaltecimento proveniente do sacrifício e serviço em favor de seus semelhantes?

Talvez simplesmente não tenha reconhecido as necessidades de seu próximo. Todos têm alguma necessidade. O homem não pode estar só. Edwin Markham mostra-nos as necessidades básicas do homem clara e simplesmente em poucas palavras:

"Três coisas o homem precisa possuir, para que sua alma viva e conheça o perfeito bem da vida.

"Três coisas daria o Pai todo-poderoso — pão, beleza e fraternidade".

Na verdade, nosso Pai nos céus possibilitou-nos obter o pão de cada dia, pois disse, referindo-se à guarda de seus mandamentos:

"Na verdade eu digo que, se assim fizerdes, a plenitude da terra é vossa, as feras do campo e as aves do céu, e o que sobe nas árvores e anda sobre a terra;

"...quer sejam para alimento quer para vestuários, para casas, estábulos, pomares, hortas ou vinhas.

"Sim, todas as coisas que provêm da terra na sua estação, são feitas para o benefício e uso do homem, tanto para agradar aos olhos, como para alegrar o coração;

"Sim, para alimento e para vestuário, para gosto e para cheiro, para fortalecer o corpo e avivar a alma.

"E agrada a Deus ter dado ao homem todas estas coisas...

E em nada ofende o homem a Deus, ou contra ninguém está acesa a sua ira, a não ser contra os que não confessam a sua mão em todas as coisas, e não obedecem aos seus mandamentos". (D&C 59:16-21).

Uma vez que Deus tem sido tão bom para nós, ele pediu-nos que fôssemos bons para com nossos irmãos, que talvez não sejam tão afortunados como somos, pois nos admoestou: "E eis que tu te lembrarás dos pobres, e para o seu sustento consagrarás das tuas propriedades tudo quanto tens para dar...

"E se repartes com os pobres as tuas posses materiais, a mim o fazes; e elas serão postas diante do bispo da minha igreja..." (D&C 42:30-31).

Esse mandamento de prover nossos irmãos necessitados é encontrado no princípio do jejum, conforme lemos em **Documentary History of the Church:**

"Que isto seja um exemplo para todos os santos, e jamais haverá falta de pão: Quando os pobres passam fome, aqueles que têm, jejuem um dia para eles e dêem ao bispo aquilo que teriam comido, e todos terão o suficiente por longo tempo; e este é o grande e importante princípio do jejum, aprovado pelo Senhor. E enquanto todos os santos cumprirem esse princípio com coração alegre e fisionomia sorridente, sempre terão abundância". (Vol. 7, p. 413).

Brigham Young dirigiu-se aos santos como segue:

"Vocês sabem que toda primeira quinta-feira do mês é tida entre nós como dia de jejum. Quantos dos presentes conhecem a origem desse dia? Antes de se pagar o dízimo, os pobres eram mantidos com donativos. Em Kirtland, foram a Joseph Smith e pediram ajuda, e ele disse que deveria haver um dia de jejum, o que ficou decidido. Deveria ser feito uma vez por mês, como agora, e tudo o que teria sido consumido naquele dia — trigo, carne, frutas ou outra coisa qualquer, seria levado à reunião de jejum e entregue nas mãos de uma pessoa escolhida para o propósito de recebê-lo e distribuí-lo entre os pobres. Se hoje fizéssemos o mesmo conscienciosamente, vocês acham que aos pobres faltaria trigo, ou manteiga, ou queijo, ou carne, ou açúcar, ou qualquer coisa de que necessitassem para alimentar-se? Não, haveria mais do que poderia ser usado por todos os necessitados entre nós.

Possuímos o suficiente para fazermos isso e cuidar melhor de nossos irmãos pobres do que tem sido feito até agora. Que isto seja publicado em nossos jornais. Que seja comunicado ao povo que na primeira quinta-feira de cada mês, o dia de jejum, tudo o que seria consumido pelos maridos e mulheres e filhos e servos deve ser entregue às mãos do bispo, para o sustento dos pobres. Estou pronto a fazer a minha parte, bem como o resto, e se não houver pobres na minha ala, estou disposto a dividir com aquelas que os tenham. Se as irmãs procurarem lugar para as que precisam ser cuidadas e providenciarem que o sejam, vocês verão que teremos mais conforto, mais paz interior, e nosso espírito ficará mais leve e animado, cheio de alegria e paz. Os bispos deveriam, através dos mestres, cuidar que toda família capaz em suas alas contribuísse para os pobres com aquilo que normalmente comeria no dia de jejum". **Jornal of Discourses,** vol. 12, pp. 115-16).

Incentivo os bispos a manterem esse princípio diante do povo, a fim de que possamos suprir melhor o alimento e outras necessidades essenciais dos irmãos que se encontram em circunstâncias infortunadas.

Edwin Markham disse, lembram-se, que nosso Pai todo-poderoso nos daria não somente pão, como também beleza e fraternidade.

O Senhor deu beleza à humanidade? Quem duvidar, precisa apenas abrir os olhos para o nascer e o pôr do sol, e seus ouvidos aos sons da chuva e do vento, maravilhar-se com o colorido das flores e do arco-íris, perceber o cenário variado do deserto e da floresta, das searas, dos montes, rios e oceanos. Nesta estação do ano, sentimos o frêmito de um início de primavera, prendendo-nos na profusão de vida ao nosso redor, tornando-nos parte dela.

Toda a terra, sem nenhum traço de esterilidade, alegra o coração. No cuidado como guardador de nosso irmão, podemos ajudar-nos mutuamente a discernir a dádiva de beleza que possuímos. Tomemos tempo para ver, sentir e gozar tudo o que Deus criou para nós. Margaret L. White faz-nos sentir essa responsabilidade ao seguirmos suas palavras:

"Tomei a mão de uma criancinha para guiá-la ao Pai. Meu coração estava pleno de agradecimento por esse grato privilégio. Andamos devagar. Harmonizei meus passos com as curtas passadas da criança, falando das coisas que lhe chamavam a atenção. Vez por outra, apanhávamos as flores do Pai e alisávamos suas pétalas macias, encantadas com o vivo colorido. Às vezes, era um dos pássaros do Pai. Ficávamos observando-o a construir o ninho, vimos o aparecimento dos ovos dentro dele e, maravilhadas, enlevadas, notamos o carinho com que tratava os filhotes. Frequentemente contávamos histórias do Pai. Eu as contava a ela e a criancinha mas repetia. Nós as repetíamos, a criança e eu, sempre e sempre. Às vezes, parávamos para descansar, encostadas a uma das árvores do Pai, sem nada dizer, dei-

xando que o vento nos refrescasse o rosto. E depois, ao anoitecer, encontrávamos o Pai. A criança, com os olhos erguidos a brilhar de amor, confiança e impaciência, fitava a face paterna. Colocava sua mãozinha na mão do Pai. Por um momento, eu ficava esquecida, mas imensamente contente". (Lucy Gertsch, comp., **Minute Masterpieces** / Bookcraft, 1953, p. 99).

Beleza — uma dádiva do Pai todo-extremoso.

E quanto à fraternidade, a terceira necessidade do homem — talvez a maior delas? Neste mundo moderno, em que o ódio e a inveja parecem abundar, o chamado "amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento" e "o teu próximo como a ti mesmo" (Mateus 22:37, 39), certamente é essencial, se quisermos que haja paz.

O homem parece não conhecer limites para as conveniências materiais que pode produzir. Vangloriamo-nos da expansão do conhecimento, quando se fazem novas descobertas que promovem o mundo materialista. Contudo, o progresso na solução do problema de como viver com nossos irmãos parece tão lento, comparativamente.

Uma das muitas histórias encontradas nas Escrituras referentes ao amor fraterno é a do livro de Ester, a bela judia que encantou os olhos do soberano e tornou-se rainha. Hamã, que fora colocado acima de todos os príncipes, enfureceu-se quando Mardoqueu, tio de Ester, recusou inclinar-se diante dele, e fez planos para destruir todo o povo judeu. Mardoqueu, ao saber da sentença de morte, fê-la comunicar à rainha Ester e ordenou-lhe "que fosse ter com o rei, e lhe pedisse e suplicasse na sua presença pelo seu povo".

Ester, em resposta, explicou a lei "que todo o homem ou mulher que entrar ao rei, no pátio interior, sem ser chamado não há senão uma sentença, a de morte, salvo se o rei estender para ele o cetro de ouro, para que viva; e eu estes trinta dias não sou chamada para entrar ao rei". Mardoqueu replicou: . . . tu e a casa de teu pai perecereis".

Com isso, Ester compreendeu sua responsabilidade para com os irmãos e disse: "Vai, ajunta a todos os judeus que se acharem em Susã, e jejuai por mim, e não comais nem bebais por três dias, nem de dia nem de noite, e eu e as minhas moças também assim jejuaremos; e assim irei ter com o rei, ainda que não é segundo a lei; e, perecendo, pereço". (Ester 4:8, 11, 14, 16).

Como resultado da atitude de colocar a questão nas mãos do Senhor, Ester foi capaz de realizar esse grande serviço por seus irmãos, salvando-os da morte.

Nossos irmãos estão constantemente ao nosso lado, e não apenas devemos cuidar deles, como também dos estranhos em nosso meio. Tenhamos essa obrigação sempre em mente por meio destas palavras de Burton Hillis:

"Se hoje houver um estranho em vossa vizinhança, é melhor investigar, pois pode estar precisando de um amigo. Se amanhã ele continuar um estranho, é melhor investigar a vizinhança".

Um exemplo de fraternidade em ação ocorreu há poucos meses, no vale de San Fernando, na Califórnia. O pior abalo do terremoto foi às seis horas da manhã, mas os mestres familiares, líderes da Sociedade de Socorro e dos quoruns do Sacerdócio começaram imediatamente a fazer a sua parte no auxílio às centenas de pessoas que foram evacuadas de suas casas. Muitas dessas famílias foram acolhidas nos lares de membros da Igreja.

Dentro de trinta minutos, um par de mestres familiares parava na casa do bispo para receber instruções especiais antes de fazer uma rápida verificação junto às famílias de que eram encarregados. Outros mestres familiares comunicaram-se com líderes do Sacerdócio, que, por sua vez, apresentaram relatório aos respectivos bispos, e estes aos presidentes de estaca. Dentro de seis horas a partir do primeiro abalo, algumas alas tinham informações sobre a maior parte dos membros.

Os presidentes de estaca procuraram determinar as áreas mais atingidas e oferecer assistência onde se fazia mais necessário. Um quorum de sacerdotes em **Granada Hills** removeu uma família com sete crianças para outra casa. Um primeiro conselheiro de bispado acordou quando a chaminé despencou sobre o telhado e, despedaçando alguns caibros, fez um rombo no teto, mas explicou: "Aquilo não me preocupava tanto como a casa do vizinho, que logo pegou fogo. Como ninguém tinha água, subimos aos telhados para abafar as centelhas".

Certo bispo que estava a caminho do trabalho, quando começaram os abalos sísmicos, ficou preocupado porque não conseguiu comunicar-se com sua família ou membros da ala por diversas horas. Mas na sua ausência, os membros do Sacerdócio puseram-se em ação, e já nas primeiras horas da tarde, haviam entrado em contato com todas as famílias da ala. Sua esposa contou que, assim que foram restabelecidas as linhas telefônicas, ela recebeu constantes chamados oferecendo alojamento para famílias evacuadas. "As pessoas foram maravilhosas", comentou. "Nossa fé é renovada quando vemos como acorrem, quando as coisas andam mal".

Todos os dias, as coisas andam mal em algum lugar, embora nem sempre de modo tão drástico. O Senhor sabe que nós precisamos um do outro, e por isso ele nos fez irmãos.

Demonstremos nosso apreço por essas necessidades básicas dadas pelo Pai, vivendo conforme o que professamos acreditar, e sendo verdadeiramente os guardadores de nosso irmão. Se quisermos voltar à presença de Deus, temos que nos aproximar dos outros, pois não é possível chegar mais próximo dele do que o fazemos com nossos semelhantes, o que testifico em nome de Jesus Cristo. Amém.

Até 5 de novembro de 1896, o dia de jejum era regularmente observado em toda a Igreja na primeira quinta-feira do mês, quando, numa reunião da Primeira Presidência e dos apóstolos, foi decidido que passaria a ser no primeiro domingo do mês. A primeira reunião a seguir foi realizado no dia 6 de dezembro de 1896. (Andrew Jenson, Encyclopedic History of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, **1941).**

O verdadeiro amor a Deus livrar-nos-á do mal e da tentação.

AMOR A DEUS

Bernard P. Brockbank

Assistente do Conselho dos Doze

Queridos irmãos e irmãs: Jesus Cristo é o cabeça da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Êle ordenou que ensinássemos seus mandamentos, prometendo que estaria conosco até a consumação dos séculos. (Vide Mateus 28:20). Este é o mandamento.

Durante a sua vida mortal, o Salvador ensinou que devemos amar a Deus e guardar seus mandamentos. Disse Jesus: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento". (Mateus 22:37). Este é o primeiro e grande mandamento. Não resta dúvida de que é muito mais fácil conhecê-lo do que pô-lo em prática.

Por que iria o Senhor mandar que seus filhos o amassem de todo o coração, e de toda a sua alma e de todo o seu pensamento? Existe uma grande sabedoria e segurança divina para o homem mortal nesse pleno e completo amor a Deus.

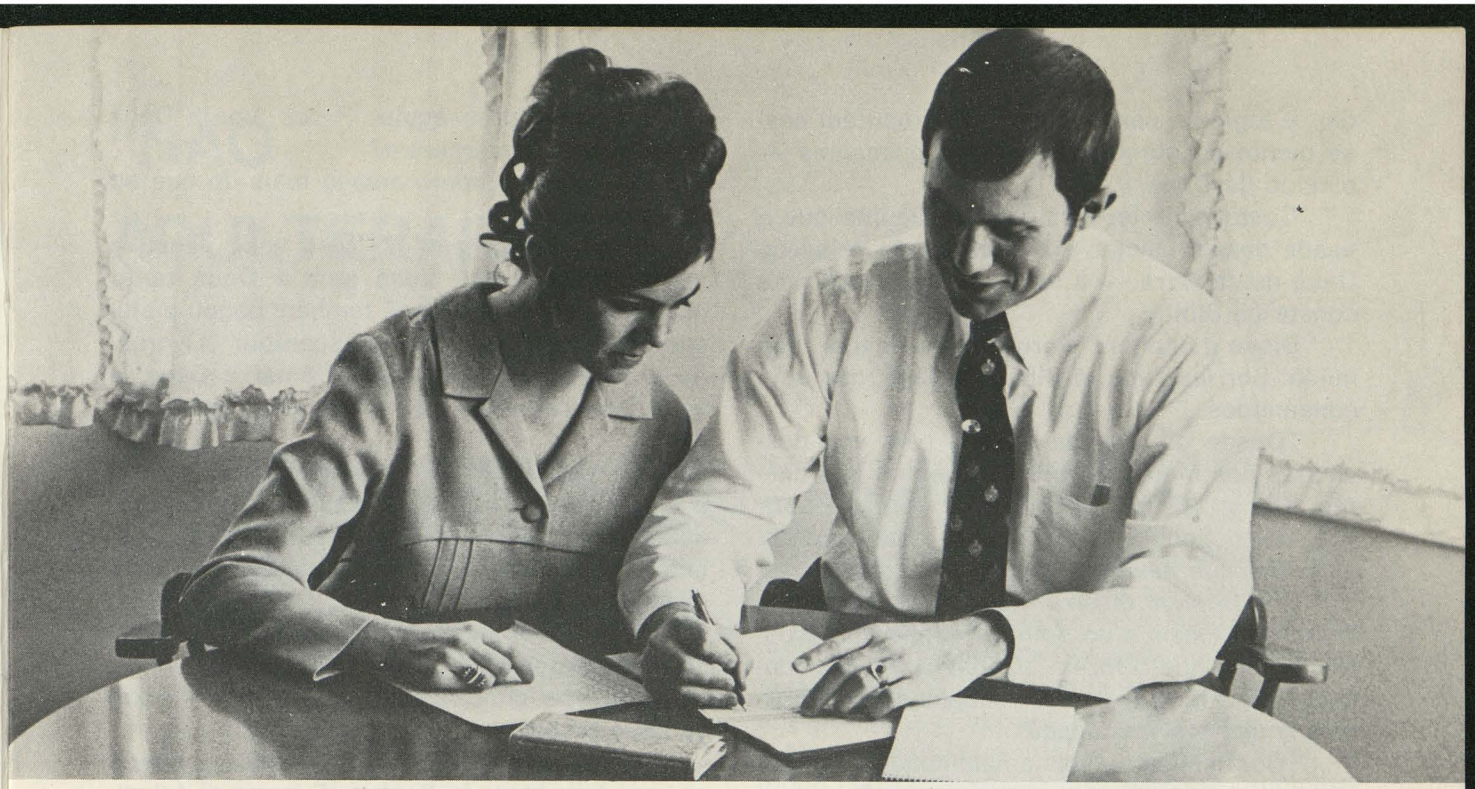
Deus criou os céus e a terra, e toda a vida animal e vegetal sobre a terra. Deus criou o universo com toda a sua imensa grandeza e bênçãos. O maior de todos os milagres é a divina criação do homem à imagem e semelhança do próprio Autor: olhos que conseguem enxergar, ouvidos que podem ouvir, mentes que sabem raciocinar foram criados dentro da nossa mãe mortal. Sabemos que ela não saberia como fazer olhos que vêm, ouvidos que ouvem e mente mortal capaz de raciocínio. Deus disse que criou o homem à sua própria imagem e semelhança. Nossa criação e nascimento mortal é evidência do poder divino. Tudo o que temos de bom para esta vida e a vida eterna provêm de Deus. A ele, devemos todo o nosso respeito, dedicação, obediência e amor.

As alternativas seriam amar Satanás ou outra parcela qualquer das criações de Deus. Satanás não participou de qualquer criação benéfica ao homem. Não temos obrigação alguma para com ele. Mas quantos pagam tributo a Satanás em forma de mau humor, querelas, desonestidade, adultério, ganância, drogas, desrespeito a Deus e Jesus Cristo, desrespeito ao dia do Sábado, não pagamento do dízimo, ódio etc.

Satanás é inimigo do homem e tenta destruir sua liberdade e a obediência ao Senhor, procurando impedir que desenvolva sua natureza divina e semelhança com Deus. Satanás é o autor do mal, do pecado e da iniquidade, e não devemos amar ou serví-lo quer em pensamento ou por nossos atos.

Jesus Cristo declarou: "Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamon". (Mateus 6:24) Eu poderia dizer que não podemos servir a Deus e Satanás. Algumas pessoas o tentam, mas ninguém logrou sucesso.

O amor a Deus traz amor e respeito por seus filhos, amor pelo relacionamento do homem com o Senhor e o desejo de com ele comungar. Muitos povos sinceros elevam orações a vários conceitos de um ser ou poder supremo. Os pagãos, budistas, hindus, maometamos, adoradores do sol e da natureza e muitos outros têm sua maneira de orar. Devido às inumeras maneiras de orar de cunho humano, Jesus Cristo deu-nos um mandamento sobre o modo correto de orar. Eis aqui o mandamento



— embora muitos ignorem que seja um mandamento:

"Portanto vós orareis assim: Pai nosso, que estas nos céus, santificado seja o teu nome;

"Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu;

"O pão nosso de cada dia nos dá hoje;

"E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores;

"E não nos induzas à tentação; mas livra-nos do mal; porque teu é o reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém". (Mateus 6:9-13).

Esta oração contém os elementos essenciais de uma prece sincera, devota e cristã. Se amamos nosso Pai dos céus, devemos orar e falar com ele. Devemos desejar cumprir a sua vontade e possuir um programa para o seu reino na terra como é nos céus. Esta prece ensina-nos a orar para sermos construtores do reino e obreiros no estabelecimento do reino de Deus nesta terra. Quando amamos a Deus e oramos sinceramente para que o seu reino venha a esta terra assim como é no céu, comprometemo-nos a dar de nosso tempo, talentos e dinheiro.

Ao dizermos: "Pai, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu", devemo-nos submeter à vontade e desejos do Pai Celestial, assim como a criança pequena está sujeita à vontade de seus pais terrenos. Submeter-se sinceramente ao Senhor e concordar que seja feita a sua vontade, demonstra respeito, amor e união.

Jesus Cristo é o exemplo perfeito de dedicação e obediência pessoal ao erguimento do reino de Deus sobre a terra e à vontade de seu Pai. Disse ele: "... eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou". (João 6:38) E disse também: "... o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma, se não o vir fazer ao Pai; porque tudo quanto ele faz, o Filho o faz igualmente". (João 5:19).

A oração ensina que devemos rogar ao Pai Celestial que nos capacite a enfrentar as tentações e adversidades desta vida. Se amamos a Deus e nele confiamos, devemos pedir-lhe que nos livre do mal. Existe uma tranquila segurança e conforto em pedir-se sinceramente para ser liberto do mal. Na oração familiar, devemos ensinar aos filhos que o peçam ao Senhor. Quando é que vocês rogaram e seguiram o mandamento do Senhor para serem libertos do mal, e o ensinaram aos filhos e àqueles a quem têm o privilégio de ensinar?

O preço estipulado pelo Senhor para que nos livre do mal é rogar-lhe com sinceridade.

A oração termina com estas palavras dirigidas aos céus: "Porque teu é o reino, e o po-

der, e a glória, para sempre. "Ela mantém nossa mente no objetivo que todos buscamos — o reino de Deus.

Gostaria de ler-lhes a lei do Senhor que é usada para financiar a edificação do reino de Deus nesta terra — a lei do dízimo, conforme consta na Bíblia:

Disse o Senhor: "Porque eu, o Senhor, não mudo; por isso vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos.

"Desde os dias de vossos pais vos desviastes dos meus estatutos, e não os guardastes; tornai vós para mim, e eu tornarei para vós, diz o Senhor dos Exércitos; mas vós dizeis: Em que havemos de tornar?

E o Senhor disse: "Roubará o homem a Deus? Ao alcance do som de minha voz, existem alguns que o fazem". Todavia vós me roubais, e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas alçadas.

"Com maldição sois amaldiçoados, porque me roubais a mim, vós, toda a nação".

E o Senhor ordenou: "Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, seu eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha maior abastança.

"E por causa de vós repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; e a vida no campo vos não será estéril, diz o Senhor dos Exércitos". (Malaquias 3:6-11).

Estará o homem roubando a Deus, se não pagar seu dízimo e ofertas?

Lembrem-se de que o primeiro e grande mandamento é amar "o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento". Se guardarmos este mandamento, não roubaremos a Deus.

Recordo-me de uma experiência pessoal. Anos atrás, quando eu e minha mulher tinhamos filhos pequenos, lutávamos para enfrentar nossas necessidades financeiras, tínhamos dívidas e não estávamos sendo honestos no pagamento do dízimo e das ofertas. Nós não deixávamos de frequentar a Igreja e eu achava que amávamos o Senhor, até que um dia, minha mulher perguntou-me: "Você ama a Deus?", ao que respondi: "Certamente que sim".

Ela então prosseguiu: "Você ama a Deus tanto quanto o merceeiro?"

Repliquei: "Espero amá-lo mais do que ao merceeiro".

Disse-me ela então: "Mas você pagou a conta do armazém. Você ama a Deus tanto quanto ao senhorio? Você também pagou o aluguel, não foi?" Depois, acrescentou: "O grande e primeiro mandamento é amar a Deus, e você bem sabe que não temos pago nosso dízimo".

Arrependemo-nos e pagamos nosso dízimo e ofertas, e o Senhor abriu as janelas do céu, derramando profusas bênçãos sobre nós. Consideramos um grande privilégio poder pagar dízimos e ofertas ao Senhor.

Gostaria ainda de mencionar que, quando não estávamos sendo honestos com o Senhor, sentiamo-nos conturbados, e tínhamos dificuldades e problemas.

Podemos aperfeiçoar nossa vida vivendo os mandamentos do Senhor. E como já foi citado seguidamente nesta conferência, o Senhor afirmou: "Se me amardes, guardareis os meus mandamentos". (João 14:15).

Em 1831, o Senhor disse ao Profeta Joseph Smith: "... ainda não é chegada a hora, mas está perto, quando a paz será tirada da terra e o diabo terá poder sobre o seu próprio domínio". (D&C 1:35).

Estamos vivendo tempos perigosos, e muitos amam mais os prazeres do que amam a Deus. (Vide 2 Timóteo 3:1,4) O demônio tem poder sobre seu próprio domínio. Não obstante, ainda existe esperança nestes dias de perigo. O Senhor continua à testa de sua Igreja. É uma grande bênção viver nestes últimos dias e ser um santo dos últimos dias. Os filhos de nosso Pai Celeste podem obter paz, segurança e felicidade amando-o de todo o coração, de toda a alma, de todo o pensamento, e guardando os seus mandamentos.

Eu sei que Deus vive e que o meu Redentor vive. Sei que sou um filho de Deus e que por ele fui criado à sua imagem e semelhança. É o meu mais sublime conhecimento. Deus mo revelou e este testemunho tem-me dado grande paz e felicidade.

Exprimo meu amor pelo Pai Celestial e por meu Salvador, Jesus Cristo, e pelo Espírito Santo, e por toda a humanidade, e o faço em nome de Jesus Cristo. Amém.

"NÃO ADULTERARÁS"

Milton R. Hunter

Ainda se pode ouvir a voz de Jeová trovejando do Monte Sinai, ao ordenar: "Não adulterarás" (Êxodo 20:14) Por mais de três mil anos, este mandamento vem repercutindo em todo o mundo hebreu e cristão. Tem sido o padrão pelo qual milhões de pessoas pautaram sua vida.

Muita gente em toda a Igreja e, falando de um modo geral, pelo mundo afora, atualmente abandonou a antiga e acalentada diretriz moral hebraico-cristã da castidade. Muitos casais cometem adultério e pessoas solteiras satisfazem suas paixões em atos de fornicação. Os resultados são infelicidade, perda de amor, lares desfeitos e destruição da vida familiar, crescente número de divórcios, vergonha, perda de espiritualidade, apostasia e eventual prejuízo da salvação eterna.

Permitam-me citar apenas uns poucos dos numerosos casos que têm chegado recentemente ao meu conhecimento. Há alguns meses, fui procurado por uma senhora, mãe de cinco filhos. Chorando amargamente, contou-me que durante o último ano, seu marido passou a maior parte do tempo com a mulher de outro homem. Explicou que diversas vezes o seguiu de carro até a casa da outra mulher. Naturalmente o marido transgressor sentia-se miserável, a esposa estava profundamente pesarosa e as crianças inconsoláveis. "... a iniquidade nunca foi felicidade" (Alma 41:10).

Cerca de um ano atrás, um jovem veio ao meu escritório e chorou como se lhe fosse partir o coração, dizendo: "Cometi adultério há uns dois anos atrás. Esse pecado está me causando uma angústia mental, que não posso mais suportá-la. Se devo ser excomungado, por favor, faça com que seja logo. Meu sofrimento resiste a qualquer descrição. Quero fazer tudo ao meu alcance para pagar esse terrível pecado".

Casos semelhantes são inúmeros. Mas esses dois exemplos devem ser bastante para ilustrar a gravidade do pecado do adultério.

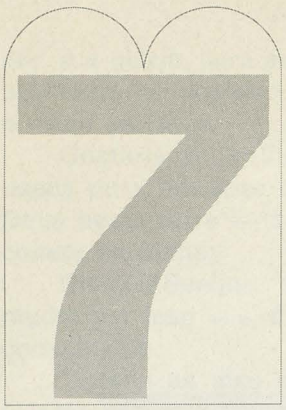
Hoje em dia, vivemos numa sociedade extremamente permissiva. Tendo abandonado a antiga moral cristã, muita gente alega aceitar a nova moralidade, que, realmente é viver de modo contrário às leis de castidade promulgadas por Deus. Vivemos numa época em que se proclama uma revolução sexual. Em toda parte, encontramos chamamentos para a conduta ilícita. Dia a dia, cresce tal enxurrada nos livros, revistas, filmes, televisão e propaganda comercial.

Muitos líderes religiosos deixaram de ensinar que o pecado existe. Onde estão os ministros cristãos que sacudiam seus auditórios com sermões sobre castidade? Que proclamavam a condenação do adultério e de toda a espécie de atos imorais? Alguns ministros e mestres religiosos converteram-se ao moderno pensamento permissivo, chegando mesmo a advogá-lo.

A 17 de maio de 1970, certos jornais noticiaram que diversos eminentes clérigos haviam completado um estudo de três anos sobre novo código sexual de conhecida igreja cristã. Embora tal igreja seja rigorosamente contrária ao adultério, o relatorio de um comitê traz as seguintes declarações liberais:

"Reconhecemos que podem ocorrer circunstâncias excepcionais em que as relações fora do casamento não sejam contrárias ao sincero interesse pelo bem-estar do cônjuge.

"... a difícil decisão deve ser tomada pela própria pessoa que faz a exceção e sob a exclusiva responsabilidade dela. Mas a questão principal é que o derradeiro juiz não é a



"NÃO ADULTERÁS"

Bíblia ou a igreja ou mesmo Deus — mas sim o indivíduo e a sua consciência" (Will Oursler, "Religious Storm Center: New Sex Code", **Parade,** 17 de maio de 1970, p. 28).

O novo código permissivo, ou nova moral como costuma ser chamada, nada mais é que a velha imoralidade modernamente ataviada. Nos tempos antigos, o povo cultuava os deuses e deusas da fertilidade. Muitas de suas cerimônias giravam em torno de flagrante imoralidade, continuamente verberada pelos profetas de Israel.

Nos tempos de Noé, praticamente toda a raça humana estava corrompida pela imoralidade. Como resultado, Deus destruiu o mundo com um dilúvio.

A Bíblia traz excelentes exemplos de homens que, se não fora esse particular, teriam sido grandes. Mas, quando quebraram a lei da castidade, isto os destruiu. Sansão, por exemplo, homem de imenso vigor físico mas incontrolavelmente sensual, acabou sendo traído por Dalila, e finalmente cometeu suicídio no cativeiro filisteu. Salomão foi abençoado por Deus com grande sabedoria; não obstante, depravou sua vida com numerosas concubinas.

Davi, amado pelo Senhor, e por muitos considerado como o maior rei de Israel, passou os derradeiros anos da vida inconsolavelmente arrependido de seu pecado contra Urias e o adultério com Batseba. Sua profunda tristeza está expressa numa das mais lastimosas preces das sagradas Escrituras:

"Tem misericórdia de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade...

"Lava-me completamente da minha iniquidade, e purifica-me do meu pecado.

"Porque eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim" (Salmos 51:1-3).

Entendendo o plano de salvação e com cabal conhecimento da gravidade dos torpes pecados do adultério e assassinato que havia cometido, o rei Davi clamava ao Senhor em angústia: "...não deixarás a minha alma no inferno" (Salmos 16:10).

Mais de dois mil anos após a morte do rei Davi e somente 127 anos atrás, Jesus Cristo fez-se ouvir dos céus e informou-nos que, devido ao pecado contra ele, no caso de Urias e sua mulher, Davi "perdeu a sua exaltação", e suas esposas foram dadas a um outro (D&C 132:39).

Talvez o mais famoso exemplo bíblico de intrepidez e nobreza foi José, o jovem e vistoso servo de Potifar, o dignitário egípcio, que, embora tentado, conservou sua castidade. Êle resistiu à insidiosa sedução da mulher de Potifar, recusando-se a cometer adultério. José replicou: "... como... faria eu este tamanho mal e pecaria contra Deus?... (Gênesis 39:9, 12), e fugiu da presença dela.

Para não trair seus ideais, preferiu ir para o cárcere, onde ficou confinado por vários anos.

Deus, o Pai Eterno, através de Jesus Cristo, revelou à humanidade o plano evangélico de salvação, que visa dar a todos que o aceitam e lhe obedecem, paz e felicidade nesta vida, e eventualmente a vida eterna na presença de Deus na glória celestial. A maior das leis desse plano no Evangelho diz respeito ao casamento para o tempo e a eternidade, e portanto, à família eterna. As mais doces alegrias e maiores bênçãos possíveis na mortalidade e na vida vindoura são obtidas através de uma vida familiar vivida de acordo com o plano do Evangelho.

Assim, uma das leis básicas no matrimônio é a da castidade. Homens e mulheres não podem profanar a fonte de vida e colher a ple-



nitude da alegria. A felicidade e a pureza de coração e mente andam de mãos dadas.

Quais sãos as recompensas da castidade e algumas das terríveis consequências do adultério?

O Livro de Mórmon é assaz explícito a respeito do perigo da imoralidade sexual. Coriânton, filho de Alma, transgrediu com a meretriz Isabel, e este, como bom pai e grande profeta de Deus, declarou ao filho:

"Não sabes, meu filho, que estas coisas são abomináveis à vista do Senhor? Sim mais detestáveis que todos os pecados, com exceção do derramamento de sangue inocente e negação do Espírito Santo?

"E agora, meu filho, eu desejo que te arrependas e abandones teus pecados... pois, a não ser que assim procedas, de nenhum outro modo herdarás o reino de Deus" (Alma 39:5,9).

Em todas as eras, os profetas de Deus têm proclamado que nenhuma coisa impura poderá herdar o reino de Deus (Moisés 6:57); Gálatas 5:19-21; 1 Cor. 6:9).

Jesus Cristo, durante seu ministério terreno, ensinou com todo o vigor a lei da castidade. Ele disse: "Ouvistes que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério.

"Eu porém vos digo que qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela" (Mateus 5:27-28).

Jesus também declarou: "Bem-aventurados os limpos de coração porque eles verão a Deus" (Mateus 5:8).

Passaram-se aproximadamente dois mil anos desde que Alma e Jesus pregaram a castidade. Teria Deus revogado as leis a ela referentes? Não será pecado cometer adultério hoje em dia?

Jesus falou dos céus em nossos dias, restaurando seu Evangelho e sua Igreja. Tornou a confirmar em diversas revelações distintas o antigo mandamento "não adulterarás".

Através do Profeta Joseph Smith, por exemplo, Jesus Cristo deu ao seu povo o seguinte mandamento:

"Amarás a tua esposa de todo o teu coração e a ela te apegarás e a nenhuma outra.

"E aquele que olhar uma mulher para a cobiçar, negará a fé e não terá o Espírito; e se não se arrepender, será expulso" (D&C 42:22-23).

O destino dos adúlteros após a morte, no reino celestial do mundo vindouro, foi mostrado a Joseph Smith e Sidney Rigdon: O Senhor lhes disse:

"Estes são os mentirosos, feiticeiros, adúlteros e libertinos...

"E que são arremessados ao inferno e sofrem a ira de Deus Todo-poderoso..." (D&C 76:103,106).

O Senhor ordenou aos portadores do Sacerdócio em nossa dispensação:

"... que a virtude adorne os teus pensamentos incessantemente; então tua confiança se tornará forte na presença de Deus; e como o orvalho dos céus, a doutrina do Sacerdócio se destilará sobre a tua alma.

"O Espírito Santo será teu companheiro constante e o teu cetro um cetro imutável de retidão e verdade..." (D&C 121:45-46).

Possamos nós ter pensamentos puros e abster-nos de qualquer ato imoral, vivendo segundo toda palavra que sai da boca de Deus. Então, teremos alegria nesta vida e estaremos preparados para retornar à presença do Senhor, a fim de sermos coroados com glória e vida eterna.

Em nome de Jesus Cristo. Amém.

SATANÁS-
O GRANDE IMPOSTOR

Marion G. Romney
Do Conselho dos Doze



Caros irmãos, irmãs e amigos: Preciso seriamente de uma parcela de sua fé e orações, e muito em particular do Espírito do Senhor no dia de hoje, porque decidi falar sobre seu inimigo: "Satanás — O Grande Impostor".

Vocês serão capazes de reter alguma coisa do que digo, lembrando-se das palavras de certa jovem, ditas à sua mãe: "Não posso casar-me com John, porque ele não acredita no diabo", e a resposta da última: "Case-se com ele. Você e eu mudaremos seu pensar nessa questão".

Um corolário da perniciosa falsidade de que Deus está morto é a igualmente perniciosa doutrina da inexistência do diabo. O próprio Satanás é autor dessas duas mentiras. Acreditar nelas é submeter-se a ele. E esta rendição sempre levou, leva agora e continuará a levar o homem à destruição.

Os santos dos últimos dias sabem que existe um Deus, e com igual certeza, que Satanás vive, e que é um poderoso personagem de espírito, o arqui-inimigo de Deus, do homem e da retidão.

A realidade da existência tanto de Deus como do demônio está conclusivamente estebelecida pelas Escrituras e pela experiência humana.

O depoimento de Abraão sobre o grande conselho celestial pré-terreno identifica Deus e Satanás como participantes dele (Vide Abraão 3:22-28).

O conhecimento revelado naquele registro é maravilhoso e importante — conhecimento das coisas como eram no passado remoto, concernentes a Deus, o Pai, e seus filhos espirituais, e aos planos para a criação desta terra. Refere-se ao plano do Evangelho e identifica Cristo e Satanás.

Ampliando as verdades reveladas a Abraão, o Senhor falou a Moisés: "Aquele Satanás a quem tu expulsaste em nome de meu Unigênito, é o mesmo que existiu desde o princípio; e ele veio perante mim, dizendo: Eis-me aqui, manda-me e serei teu filho e redimirei a humanidade toda, de modo que nem uma só alma se perderá, e sem dúvida o farei; portanto, dá-me a tua honra" (Moisés 4:1).

Os profetas do Velho Testamento sabiam de Satanás e de seu papel no grande conselho. Como que se dirigindo diretamente a ele, disse Isaías:

"Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! como foste lançado por terra tu que debilitavas as nações!

"E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono...

"... e serei semelhante ao Altíssimo.

"E contudo levado será ao inferno, ao mais profundo do abismo" (Isaías 14:12-15).

Nesta derradeira dispensação, o Senhor confirmou o que havia revelado nas dispensações anteriores a respeito do papel de Satanás por ocasião do grande conselho. Em setembro de 1830, disse ele ao Profeta Joseph Smith:

"... (o) diabo... existia antes de Adão, pois se rebelou contra mim, dizendo: Dá-me a tua honra, a qual é o meu poder; e também fez com que, usando de seu livre-arbítrio, uma terça parte das hostes do céu se virasse contra mim" (D&C 29:36).

Em fevereiro de 1832, Joseph Smith e Sidney Rigdon testificaram que lhes foi dado ver em visão "que na presença de Deus e do Filho, foi expulso um anjo de Deus, que possuía autoridade perante Deus e que se rebelou contra o Filho Unigênito...

Satanás é uma realidade, um poderoso personagem de espírito.

"E foi chamado Perdição, pois os céus prantearam por ele — era Lúcifer, um filho da manhã" (D&C 76:25-26).

Joseph Smith resumiu sucintamente a grande controvérsia surgida na preexistência, quando disse:

"A divergência nos céus foi — Jesus disse que haveria certas almas que não seriam salvas; e o demônio afirmou que poderia salvar todas elas e apresentou seus planos ao grande conselho, o qual votou em favor de Jesus. Por isso, o demônio rebelou-se contra Deus e foi expulso com todos aqueles que conspiraram com ele" **(Teachings of the Prophet Joseph Smith** / Deseret Book Co., 1968/, p. 357).

Quando Satanás e seus seguidores foram "expulsos", vieram à terra.

Durante a visão concedida a Moisés, o Senhor falou:

"... por causa de Satanás ter-se rebelado contra mim e ter procurado destruir o livre-arbítrio do homem, que eu, o Senhor, lhe tinha dado, e também, por querer que eu lhe desse o meu próprio poder, fiz com que ele fosse expulso pelo poder do meu Unigênito.

"E ele tornou-se Satanás, sim, o próprio diabo, o pai de todas as mentiras, para enganar e cegar os homens, e levá-los cativos à sua vontade, mesmo a todos quantos não ouvirem minha voz" (Moisés 4:3-4).

Satanás estava com Adão e Eva no Jardim do Éden antes da queda. E não bastasse isso, continuou a tentá-los e aos filhos deles, depois de terem sido expulsos do jardim. Quando receberam o Evangelho, Adão e Eva regozijaram-se e "abençoaram o nome de Deus e fizeram saber todas as coisas a seus filhos e filhas.

"E Satanás apareceu entre eles, dizendo: eu sou também um filho de Deus e mandou-os dizendo: Não creiam, e eles não creram, e amaram Satanás mais que a Deus. E, daquele tempo em diante, os homens começaram a ser carnais, sensuais e diabolicos" (Moisés 5:12-13).

E desde aí Satanás continua na terra. No Livro de Jó, lemos o seguinte:

"E vindo um dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, veio também Satanás entre eles.

"Então o Senhor disse a Satanás: Donde vens? E Satanás respondeu ao Senhor e disse: De rodear a terra, e passear por ela" (Jó 1:6-7).

Em 11 de agosto de 1831, o Profeta anotou em seu diário:

"... após termos acampado sôbre a ribanceira do rio, em McIlwaine's Bend, o irmão Phelps, numa clara visão durante a luz do dia, viu o destruidor, em seu mais horrível poder, cavalgar sobre a superfície das águas; outros ouviram o ruído, mas não contemplaram a visão" **(Documentary History of the Church,** vol. 1, p. 203).

Satanás é maligno — totalmente e sempre. Procura constantemente derrotar o plano do Evangelho e "destruir as almas dos homens" (D&C 10:27).

"... não... (persuade) ninguém a fazer o bem, nem a um só que seja; tampouco o fazem seus anjos, ou os que a ele estiverem sujeitos" (Morôni 7:17).

Na última ceia, pouco antes de sua provação no Jardim do Getsêmani, Jesus advertiu a Pedro: "Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos peneirar[1] como trigo" (Lucas 22:31).

Satanás está irrevogavelmente empenhado em combater e derrotar a influência do Espírito de Cristo sobre os homens. É o representante, promotor e protetor daquela "oposição em todas as coisas" mencionada por Néfi em suas instruções ao filho Jacó (Vide 2 Néfi 2:11. 14-18).

Os métodos de Satanás são variados, tortuosos e incontáveis.

"... de todos os meios possíveis, ele procura obscurecer a mente dos homens, e depois lhes oferece falsidades e ilusões à guisa de verdade. Satanás é um hábil imitador, e assim como a genuína verdade do Evangelho é dada ao mundo em crescente abundância, também ele espalha a dissimulada moeda da falsa doutrina... (Como) "o pai da mentira", ele tornou-se, no decorrer das eras de prática nesse seu trabalho nefasto, "tão proficiente", que, se possível, enganaria os próprios eleitos". (Joseph F. Smith em Daniel H. Ludlow, **Latter-day Prophets Speak**/ Bookcraft, 1948/, pp. 20-21).

Ele tem lançado um ataque frontal contra o advento da verdade no início de cada dispensação. Como vimos, enganou os filhos e as filhas de Adão e Eva na primeira disposição evangélica.

No começo da dispensação mosaica, "Satanás veio tentá-lo, dizendo: Moisés, filho do homem, adora-me" (Moisés 1:12).

Nos dias de Jesus, atacou o próprio Mestre (Vide Lucas 4:1-13).

Que Satanás esteve presente e contestou o estabelecimento desta última dispensação, sabemos pelas palavras do próprio Profeta:

"... fui subitamente subjugado por uma força que me dominou inteiramente, e seu poder sobre mim era tão assombroso, que me travou a língua de modo que não pude falar. Intensa escuridão envolveu-me e pareceu-me por algum tempo que estivesse destinado a uma destruição repentina" (Joseph Smith 2:15).

A investida de Satanás contra o aparecimento do Livro de Mórmon é

"Satanás será amarrado... (e não terá) lugar nos corações dos filhos dos homens".

descrita na décima seção de Doutrina e Convênios.

Outra prova do empenho do demônio em frustar a disseminação do Evangelho, encontra-se no relato do ataque de Satanás contra os irmãos que levaram a mensagem evangélica à Inglaterra em 1837, escrito por Heber C. Kimball (Orson F. Whitney, **Life of Heber C. Kimball,** pp. 143-45).

A aceitação generalizada da declaração de Satanás: "Eu não sou o diabo; ele não existe" (2 Néfi 28:22), é culpada em grande parte pela decadência de nossa sociedade em deteriorização.

Nós, santos dos últimos dias, não precisamos ser enganados pelos sofismas humanos referentes à realidade de Satanás, nem devemos permitir que isso nos aconteça. Existe um demônio real e faremos melhor em acreditar nele. Ele e uma hoste incontável de seguidores, visíveis e invísiveis, estão exercendo influência perniciosa sobre os homens e seus afazeres no mundo de hoje.

Um antigo profeta americano, prevendo nossa época e observando o que aconteceria, profetizou que, se Satanás não fosse impedido, destruiria esta geração. Referindo-se à nossa presente situação, Néfi falou:

"... o reino do diabo deve ser sacudido, e os que a ele pertencem devem ser aconselhados a se arrependerem, ou ele os agarrará com suas eternas correntes, e serão movidos à cólera e perecerão;

"Pois que, nesse dia (i. é, hoje em dia), ele assolará os corações dos filhos dos homens e os excitará a se encolerizarem contra o que é bom.

"E a outros pacificará, e os adormecerá em segurança carnal, de modo que dirão: Tudo vai bem em Sião; sim, Sião prospera. Tudo vai bem. Assim o diabo engana suas almas e as conduz cuidadosamente ao inferno.

"E a outros ele lisonjeia, dizendo que não há inferno; e diz-lhes: Eu não sou o diabo; ele não existe; e isso ele lhes sussurra aos ouvidos, até os agarrar com suas terríveis correntes, das quais não há libertação" (2 Néfi 28:19-22).

Mas eu não chamo atenção a essas coisas para amendrontar, desencorajar ou causar pânico a quem quer que seja. Falo delas, porque sei que são verdade, e estou persuadido de que, se quisermos "vencer Satanás e escapar das mãos dos servos de Satanás, que apoiam o seu trabalho" (D&C 10:5), é preciso entender e reconhecer a situação como se apresenta. Esta não é hora para os santos dos últimos dias se equivocarem.

Nem tampouco é hora para cair em pânico. As dificuldades de nossa época não sobrevieram inesperadamente. Já cento e quarenta anos atrás, o Senhor revelou de maneira categórica a tendência dos dias atuais. Sabemos que, com a aproximação da segunda vinda do Salvador, o ritmo da campanha de Satanás pelas almas humanas está sendo e continuará a ser acelerado. Sabemos que as experiências dos anos intermédios serão uma provação para a alma dos homens.

Sabemos também que Deus vive; que seus "eternos desígnos hão de seguir adiante" (Mórmon 8:22). Sabemos que o Evangelho de Jesus Cristo nos foi dado, a fim de que possamos prevalecer contra Satanás e suas hostes iníquas. Sabemos que o Espírito de Cristo e o poder do seu Sacerdócio são escudo bastante contra a força de Satanás. Sabemos que cada um de nós pode dispor do dom do Espírito Santo — o poder de revelação que inclui o dom de discernimento pelo qual percebemos infalivelmente o demônio e os logros que impinge com tanto sucesso a esta geração simplória. Nosso curso é claro e certo — obedecer estritamente aos mandamentos do Senhor conforme estão registrados nas Escrituras e como nos são dados pelos profetas atuais.

Concluindo, presto meu testemunho da veracidade das coisas das quais tratei hoje.

Sei que Deus vive. Por experiência própria, vim a conhecer seu Espírito e seu poder. Também sei que Satanás vive. Tenho notado seu espírito e sentido seu poder não na medida do Profeta Joseph Smith, mas de maneira parecida.

Sei que, por ocasião da segunda vinda de Cristo, cujos sinais agora se avolumam, "Satanás será amarrado... (e não terá) lugar nos corações dos filhos dos homens" (D&C 45:55).

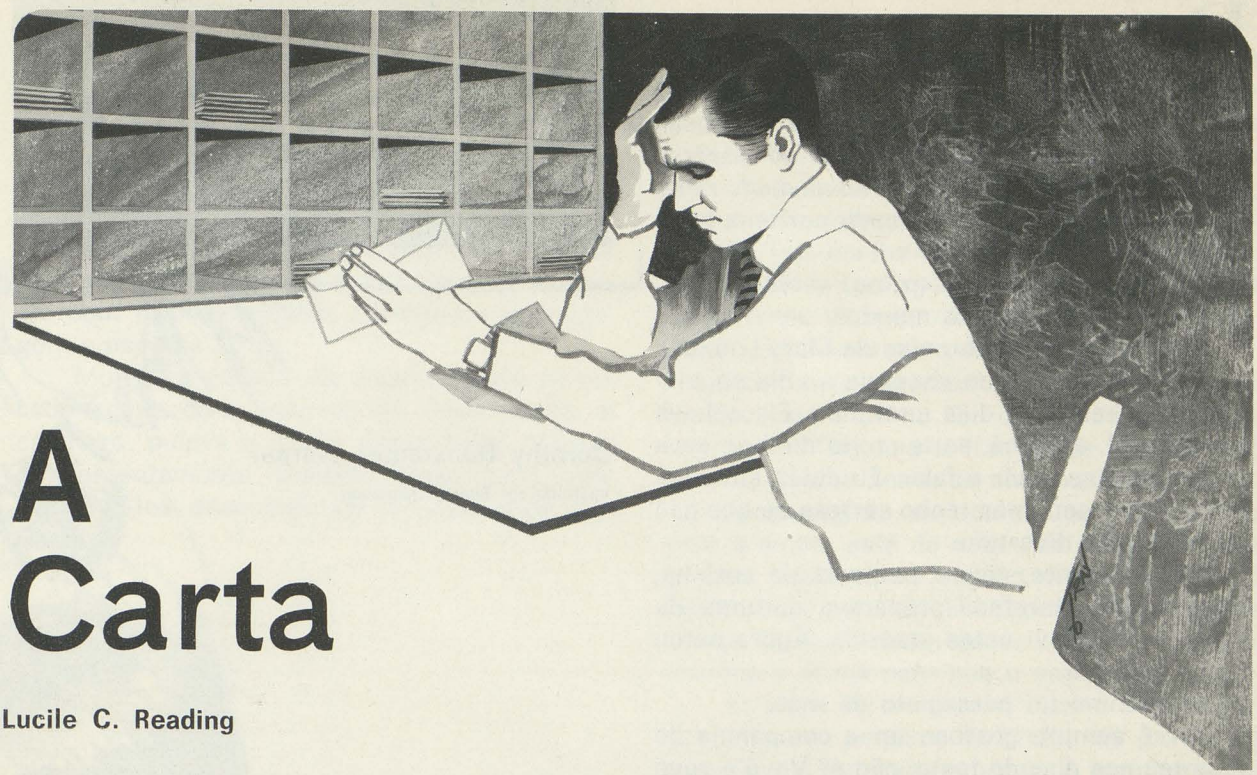
Testifico ainda a veracidade da predição do Salvador de que, no tempo de sua vinda, "aqueles que são sábios e tiverem aceitado a verdade (i. é, que aceitarem o Evangelho), e tomado o Santo Espírito por guia, e não tiverem sido enganados (por Satanás e seus poderes) — ... suportarão o dia (de sua vinda).

"E (que) a terra ser-lhes-á dada por herança...

"Pois o Senhor estará em seu meio, e a sua glória estará sobre eles, e ele será o seu rei e o seu legislador" (D&C 45:57-59).

Que possamos tomar o Santo Espírito por nosso guia, reconhecer Satanás, seus representantes e suas obras, e não sermos enganados por eles, a fim de que participemos das bênçãos prometidas, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

1 **Traduzido diretamente do inglês por discrepância na versão portuguesa. N. do T.**



A Carta

Lucile C. Reading

O Natal estava às portas, mas não havia nenhum sentimento de alegria na casa de Marian. Ela recordava outras épocas em que havia sido diferente. Isto fora nos tempos em que o pai voltava do trabalho na seção de cartas não reclamadas do Correio, cumprimentando alegremente os familiares — ela, seu irmãozinho e a mãe. Quanta alegria, brincadeiras e conversas gostosas havia então, além de quase sempre uma história antes da hora de dormir.

Tudo isso fora antes de o irmãozinho ficar doente e morrer de uma hora para outra antes de alguém poder ajudar. Marian achava que, de certa maneira, o pai também tinha morrido, pois nunca mais mostrara um sorriso, nem contava histórias ou a cumprimentava com abraços e beijos. Na verdade, nem parecia ligar para a presença dela ou da mãe.

Marian não podia falar com a mãe sobre o problema, porque isto a deixaria ainda mais triste, e a garota achava que ninguém mais conseguiria entender como as coisas haviam sido e como eram agora. Então, certo dia, veio-lhe a idéia de escrever uma carta.

Não foi tarefa fácil escrever uma carta tão importante sozinha. Quando a terminou, Marian endereçou-a ao Pólo Norte e depois a jogou na caixa postal da esquina. A carta dizia:

Querido Papai Noel

Estamos muito tristes aqui em casa. Meu irmãozinho foi para o céu na primavera passada... Você não precisa trazer nada para mim, mas se pudesse dar ao papai uma coisa que o fizesse ser como era antes,eu gostaria muito. Ouvi-o dizer para mamãe que só a eternidade poderia curá-lo. Você poderia trazer um pouco disso para ele?

Marian

Foi mais do que uma coincidência a chegada desta carta à mesa do pai de Marian, em lugar de ser verificada por outro funcionário da seção.

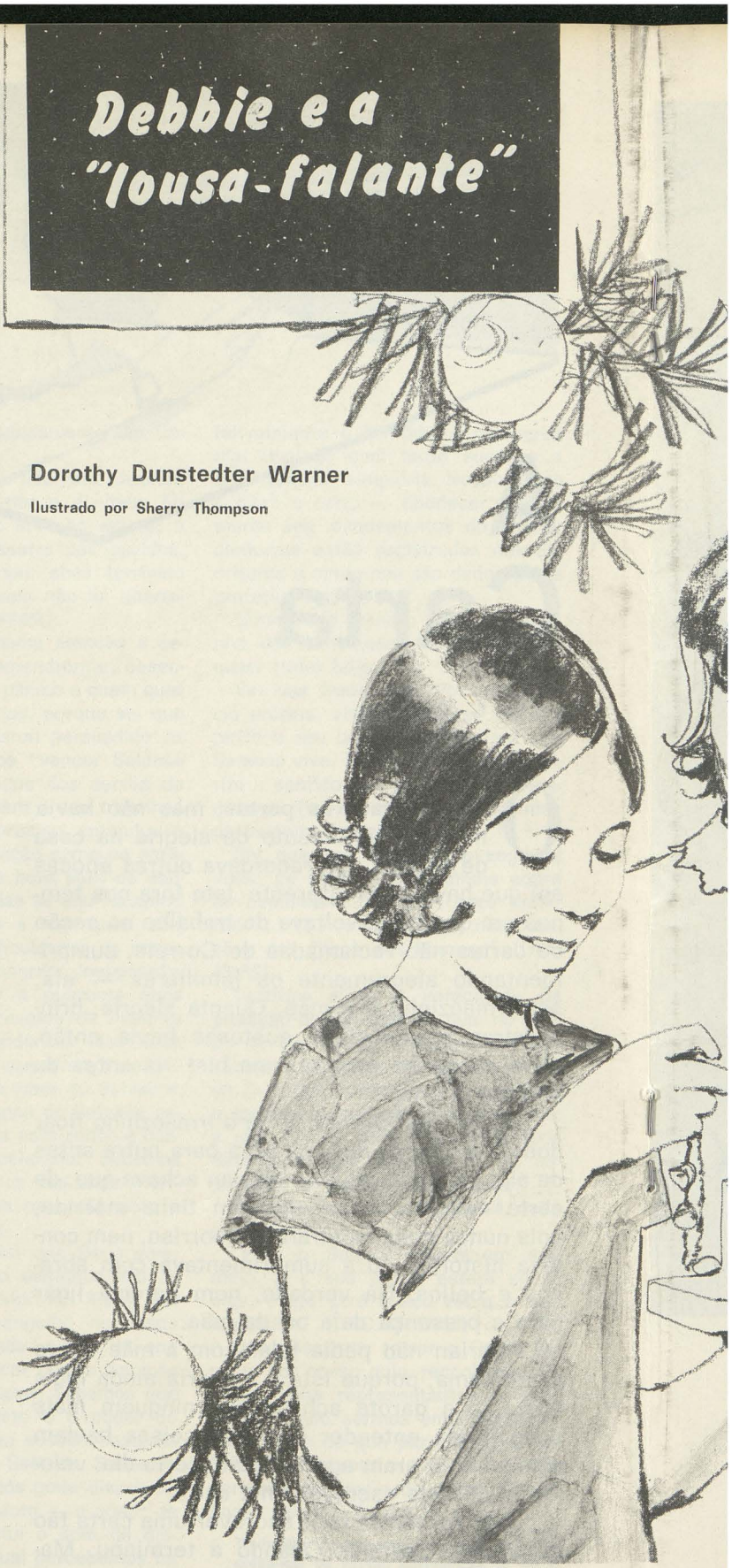
Mais tarde, naquele mesmo dia, quando o pai chegou do trabalho, parecia que o Natal já tinha chegado no lar dos Armstrong, pois ele abriu a porta com um grande sorriso na face. Parou por um instante e então abriu os braços, exatamente como costumava fazer, acolhendo Marian e mamãe dentro deles.

Caso verídico narrado por Lucile C. Reading.

Debbie e a "lousa-falante"

Dorothy Dunstedter Warner

Ilustrado por Sherry Thompson



Debbie esfregou o vidro da janela até desfazer uma rodela de gelo que a embaciava, para poder espiar lá fora. Finalmente cessara a tempestade de neve que há três dias uivava em torno da casa de fazenda, transformando a pradaria de Iowa num reino encantado todo branco, realçado por uma tonalidade azul.

— Veja, mamãe! — gritou, — venha aqui para ver como é belo o mundo!

Subitamente, lembrou-se de Mary Lou, sua prima surda-muda, que chegaria no dia seguinte para passar uns dias com eles. Ela achava que o Natal, amanhã, seria muito melhor, se a prima pudesse ouvir e falar. Eu devia envergonhar-me, pensou, mas tenho certeza de que não vai ser muito divertido.

Nesse instante, veio a resposta da cozinha, onde a mãe atarefada preparava quitutes de Natal. —Eu já vi antes, querida. Agora estou muito ocupada.

A menina foi para junto da mãe.

— É sempre gostoso ter a companhia de parentes nos dias de festa, não é? Vovô e vovó são tão divertidos — mas não me lembro muito bem de tio Ted e tia Lea.

— Nem da prima Mary Lou, certo? — acrescentou a sra. Watson, às voltas com suas tortas. — Ela é quase da sua idade. Vocês deverão ter muito em comum. Tenho sentido tanta falta de minha única irmã! Estou contente que venham morar perto novamente.

Debbie não soube o que dizer. A mãe olhou para ela:

— Você está com medo de encontrar-se com Mary Lou, não é? Mas não há motivos. Ela tem frequentado uma escola especial, e com o tempo, você aprenderá a conversar com ela.

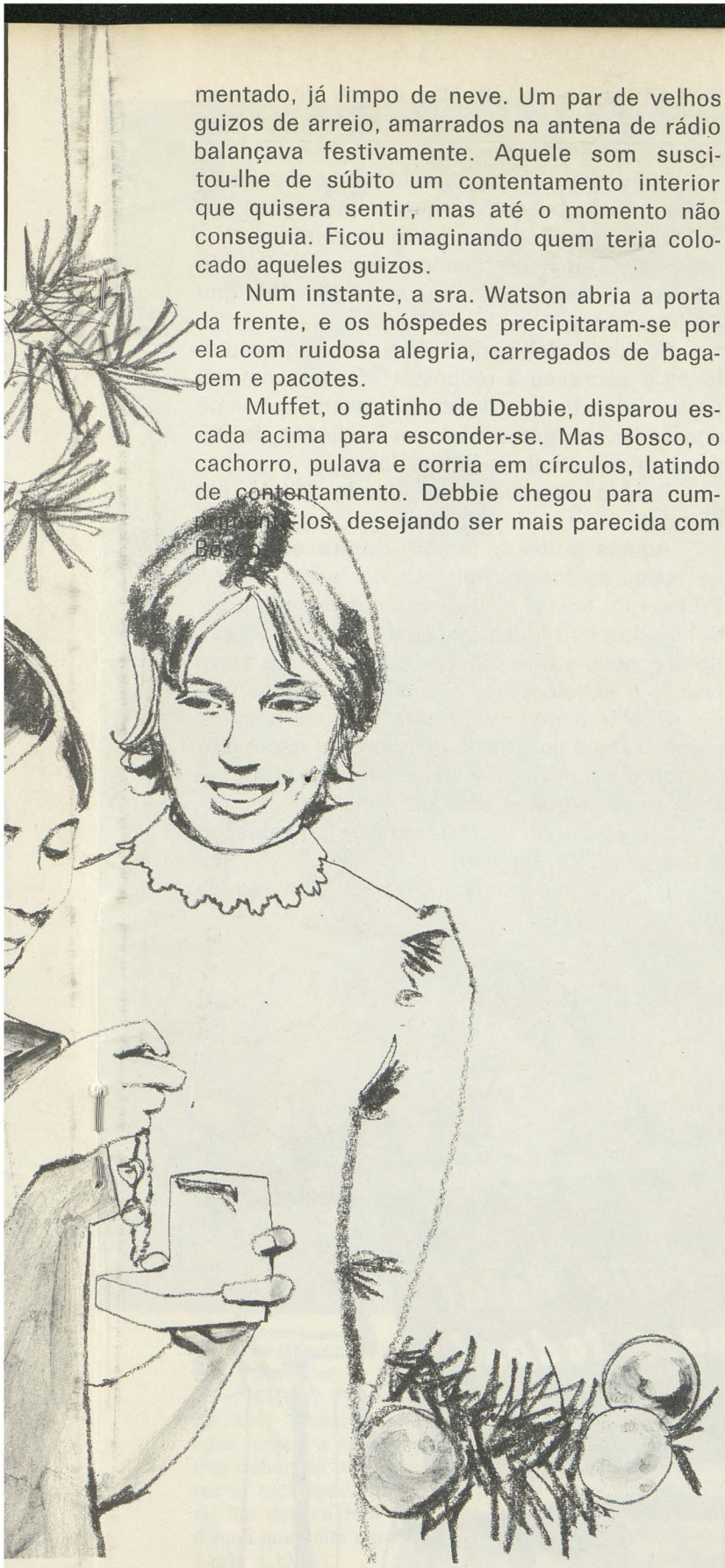
Debbie apanhou uma colher para provar o recheio de torta. A mãe prosseguiu:

— Por enquanto, lembre-se apenas de uma coisa, Debbie. Os surdos também são gente, iguaizinhos a nós.

— Sim, mãe, eu sei — respondeu. Intimamente pensava: preciso ser amável e procurar distraí-la — mas como fazer disto mais do que um dever?

Na manhã de Natal, Debbie ouviu o alegre tilintar de sinos de trenó. Correndo para a janela da frente, pôde ver um carro subindo lentamente a alameda, vindo do caminho pavi-

L.D.S. CHURCH
TRANSLATION SERVICES DEPT.
LIBRARY



mentado, já limpo de neve. Um par de velhos guizos de arreio, amarrados na antena de rádio balançava festivamente. Aquele som suscitou-lhe de súbito um contentamento interior que quisera sentir, mas até o momento não conseguia. Ficou imaginando quem teria colocado aqueles guizos.

Num instante, a sra. Watson abria a porta da frente, e os hóspedes precipitaram-se por ela com ruidosa alegria, carregados de bagagem e pacotes.

Muffet, o gatinho de Debbie, disparou escada acima para esconder-se. Mas Bosco, o cachorro, pulava e corria em círculos, latindo de contentamento. Debbie chegou para cumprimentá-los, desejando ser mais parecida com Bosco.

— Os guizos anunciaram sua chegada — o pai comentou sorrindo. E de repente, todos estavam abraçados e beijando todo mundo. Debbie deu um jeito de abraçar timidamente a prima. Estava tão preocupada em lembrar-se de que não adiantava falar-se, que sabia que seu abraço não demonstrava muito entusiasmo.

Tio Ted deu-lhe um grande abraço, dizendo:

— Mary Lou colocou aqueles guizos. Ela notou como as pessoas parecem apreciar o tilintar — embora não possa ouvi-los.

Debbie riu nervosamente, depois olhou de soslaio para a prima. Os calorosos olhos castanhos de Mary Lou brilhavam de felicidade, o que fez Debbie sentir-se um pouco melhor.

Pouco depois, os adultos haviam passado para a ampla sala de estar, deixando as duas garotas sozinhas no saguão. Mary Lou olhava diretamente para ela. Era preciso fazer alguma coisa! Então, Debbie sorriu e com um gesto, chamou a prima para que a seguisse.

As duas foram para o quarto de Debbie, que tirou um pequeno embrulho da gaveta da cômoda e o entregou à prima. A menina surda sorriu e tirou um pacotinho do bolso do casaco.

Ao abrir o pacote, Debbie encontrou uma pulseirinha de prata em forma de corrente para prender berloques. Uma bonequinha do mesmo material, como início de coleção, estava presa a ela. Com cuidado, fez os lábios formarem as palavras "Muito obrigada" ao colocar no braço a pulseira.

Mary Lou abria seu pacote como se fosse explodir de emoção. Ao descobrir um pequeno coração rosado pendurado na fina corrente dourada, agradeceu com um breve abraço:

Bem naquele momento, tia Lea espiou pela porta e disse sorrindo:

— Vamos, garotas, o almoço está pronto!

Ao saírem do quarto, Mary Lou enfiou o braço no de Debbie a caminho da sala de jantar. Sentando-se à mesa, Debbie soltou pequeno suspiro de alívio. Não era nada fácil, decidiu, fazer-se entender, e compreender uma pessoa surda. Bem, agora não tinha mais o que fazer do que regalar-se com o pato assado.

Foi um almoço agradável e prolongado, todo mundo demorando-se na sobremesa. O irmãozinho de Debbie lambuzou-se todo, obrigando-a a sair da mesa para lavá-lo e trocar-lhe a roupa. Entrementes, viu-se imaginando como iria entreter a prima agradavelmente.

Terminado o almoço, Debbie botou Billy na cama para a sesta, e quando voltou, Mary Lou acenava-lhe do saguão, mostrando o armário de agasalhos. Quando a prima vestiu seu casaco, Debbie compreendeu que ela queria andar de trenó.

Divertir-se com o trenó foi muito mais gostoso do que Debbie imaginara. Repetidamente deslizaram pela longa encosta da colina, perseguidas de perto por Bosco. Mary Lou, afogueada e feliz, estava-se divertindo à grande, e por um momento, Debbie quase esqueceu que ela era surda.

Debbie observou a prima subir num toco e lançar-se de comprido na neve profunda e macia. Parecia tão gostoso, que Debbie também experimentou. As meninas continuaram a brincadeira até que as marcas de seus corpos na fofa camada de neve fazia a campina parecer um lençol pontilhado de salpicos.

Ao pôr do sol, as duas meninas, cansadas e friolentas, mas as faces iluminadas de prazer, arrastaram o trenó de volta para a casa.

Lá dentro, ajudaram Billy a vestir o gato com roupas de boneca e levá-lo a passear no velho carrinho de brinquedo. Depois prepararam pequenos sanduíches para um lanche com o garoto.

Debbie começou a achar que Mary Lou era quase tão divertida quanto Márcia, sua melhor amiga na escola. Não deixou de desejar que pudesse dizer as coisas no momento preciso — e obter resposta.

Subitamente, teve uma idéia! Foi correndo até a cozinha buscar a lousa de anotações e o giz que a mãe colocara junto ao telefone.

Mary Lou ficou olhando, enquanto Debbie escrevia: "Você é a pessoa mais divertida que conheço, Mary Lou!"

Sorrindo deliciada, Mary Lou agarrou a lousa e escreveu a resposta: "Eu também estou-me divertindo a valer. E amanhã, se você concordar, podemos começar as lições de linguagem por sinais e leitura labial".

Debbie escreveu um grande "SIM" em resposta.

Aquela noite, a família inteira sentou-se ao redor do fogo crepitante na lareira. O sr. Watson foi buscar seu violão, começando a dedilhar alegres toadas de Natal. Todos puseram-se a cantar, exceto Mary Lou que ficou apreciando o espetáculo, cheia de contentamento.

Debbie pegou novamente a "lousa falante" como as meninas a batizaram, e escreveu: "Estou contente por você ser minha prima — e de ter-se mudado para cá".

Mary Lou, com um largo sorriso rabiscou a resposta: "Eu também".

Depois, apagou depressa as palavras da lousa e escreveu:





As águas da vida são encontradas nos princípios do Evangelho.

Água Vivificante

Presidente Loren C. Dunn
Do Primeiro Conselho dos Setenta

Consideremos as palavras do Salvador ao falar com a mulher de Samaria junto à fonte de Jacó: "Qualquer que beber desta água tornará a ter sede; mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte d'água que salta para a vida eterna". (João 4:13-14).

Não haveria melhor maneira de demonstrar os princípios salvadores e fortalecedores do Evangelho de Jesus Cristo, que compará-los à água vivificante — à água tão vital para a preservação da vida humana.

O Salvador dizia àquela mulher que, bebendo daquela fonte, voltaria a ter sede, mas, se provasse da sua e participasse dos princípios por ele ensinados, ficaria satisfeita para sempre, sua alma seria nutrida e ela teria a vida eterna.

Vivemos num mundo complexo e desafiador. Os homens de todas as idades parecem vaguear a esmo, bebendo à sua maneira de fontes diferentes, buscando a água que irá dessentar suas almas e saciar certa sede interior.

A juventude que se engaja em várias causas, algumas populares, muitas pretendendo fins válidos, outras militantes; o adulto que não consegue encontrar satisfação em seu emprego e talvez somente frustração no casamento e vazio na vida; o militante que passa a vida denunciando o que combate, mas nunca sabendo claramente o que defender; a pessoa que recorre às drogas, talvez até pensando em equacioná-la como experiência espiritual, e depois compreende que, para cada "viagem", existe uma queda desoladora — talvez todos estes e muitos outros, agarrem-se a certas questões e atos



Água Vivificante

imprevisíveis mais por uma necessidade íntima, para satisfazer um anseio d'alma do que pelo valor ostensivo daquilo em que se envolvem, por mais meritório que seja.

Até mesmo na Rússia, onde o povo vem bebendo da fonte da moral socialista há mais de meio século, existem evidências do desejo por alguma coisa mais satisfatória. Ao estudar os aspectos religiosos na Rússia de hoje, o jornalista Paul Wohl declara que "a moral socialista tem sido aceita como padrão social da boa conduta, porém é discutível se o homem soviético é mais equilibrado que seu predecessor. Existe uma perspectiva científica, mas que não eliminou a religião. Seu ressurgimento, "diz Wohl", é um fenômeno inexplicável para os ideologistas do comunismo e sobre o qual preferem silenciar". Afirma ele que o movimento em direção à religião deve-se primordialmente aos jovens.

O autor conta o caso de uma mulher russa de condição simples que recebeu a visita de sua vizinha, jovem formada em física. "Eu sei que você é crente", declarou-lhe esta. "Podeme falar sobre Deus? A filosofia da dialética materialista não me satisfaz. Gostaria de conhecer o ponto de vista dos crentes".

É interessante notar que existe algo fundamental e básico na formação do homem, que mais cedo ou tarde fa-lo voltar-se para seu Criador, desde que não sufoque inteiramente tal impulso através das más ações ou pela descrença crônica, ou não se condicione a satisfazer-se com menos, por insistir que aquilo que desconhece ou que não experimentou simplesmente não existe.

Falando do Salvador, diz o profeta Alma:

"Eis que ele envia um convite a todos os homens, pois que seus braços de misericórdia estão estendidos para eles, e diz: Arrependei-vos e eu vos receberei.

"Sim, diz ele, vinde a mim e participareis do fruto da árvore da vida; sim, comereis e bebereis livremente do pão e da água da vida;

"Eis que vos digo que o Bom Pastos vos chama; em seu próprio nome vos chama, o qual é o nome de Cristo..." (Alma 5:33-34,38).

E depois de ensinar ao povo as coisas relativas ao Evangelho de Jesus Cristo e o que pode fazer para nutrir a alma, e encontrar a paz e preparar-se para a vida eterna, Alma prossegue:

"E agora eu, Alma, vos ordeno, na linguagem daquele que me ordenou, que observeis as palavras que vos falei.

"E falo por mandamento a vós que pertenceis à igreja; e por meio de convite àqueles que não pertencem a ela, dizendo: Vinde e recebei o batismo do arrependimento, para que possais partilhar do fruto da árvore da vida" (Alma 5:61-62).

Como indica esta última Escritura, toda pessoa pode dispor livremente do fruto da árvore da salvação, mas, se não a comer, de nada lhe valerá!

Recordo-me de dois rapazes que vieram ver-me há poucos meses. Êles haviam sido recomendados por seus líderes do Sacerdócio. Assim que entraram no meu escritório, puseram-se a questionar certas doutrinas e ensinamentos da Igreja com toda a franqueza. Contudo, sua atitude não era de antagonismo, pois procuravam sinceramente uma resposta.

Finalmente, indaguei se era possível que suas dúvidas não representassem os sintomas em lugar da causa de seus problemas. A dúvida real não era se esta igreja é ou não verdadeira? Se é ou não a verdadeira Igreja de Jesus Cristo? E se é ou não guiada por revelação divina? Os jovens concordaram que, se tivessem certeza quanto a esses pontos, poderiam resolver as outras dúvidas que pareciam insinuar-se em seu coração.

Perguntei-lhes se estavam dispostos a fazer uma experiência. Um deles pareceu-me gostar de esportes, e por isso dirigi-me a ele, perguntando:

— Se você quisesse descobrir as propriedades químicas da água, iria ao estádio local e daria três voltas na pista de corrida?

— Lógico que não — respondeu.

— Por que?

— Ora, porque não existe relação alguma entre as duas coisas.

Então, procuramos o capítulo sete de João e lemos: "Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se falo de mim mesmo" (João 7:17).

Se quisermos experimentar as coisas referentes a Cristo, então devemos submetê-las a um teste espiritual — uma prova que o próprio Salvador indicou a todos os que querem saber, uma prova prática.

Perguntei-lhes se costumavam ler as Escrituras.

— Não, — responderam.

Perguntei se oravam.

— Nem sempre, — foi a resposta.

Perguntei se guardavam a Palavra de Sabedoria.

— Ocasionalmente.

Perguntei se iam à Igreja. Explicaram-se que haviam deixado de frequentá-la.

Indaguei, então, se estariam interessados em fazer uma experiência pelo espaço de três meses, ao que responderam que tentariam, mas que temiam comprometer-se antes de saberem o que eu tinha em mente.

— Durante os próximos três meses vocês querem frequentar todas as reuniões e escutar atentamente o que for dito, e até mesmo tomar notas dos pontos principais abordados pelos professores e como eles se aplicam à vida de vocês?

Após um momento de reflexão, concordaram.

— Durante os três próximos meses, vocês voltarão a orar diariamente, pela manhã e à noite, agradecendo a Deus as bênçãos recebidas e pedindo-lhe que os ajude a saber se a Igreja é verdadeira e se as coisas que estão fazendo têm valor para a vida de vocês?

Um dos jovens que se considerava um agnóstico, a princípio relutou, mas acabou aquiescendo com a condição de que, a bem da experiência, aceitaria a premissa de que Deus existe e que apelaria a ele, para que lhe desse a luz e o conhecimento que buscava.

Perguntei se nos próximos três meses deixariam de fumar, tomar bebidas alcoólicas e se absteriam de drogas. Embora isto lhes causasse certo mal-estar, resolveram fazê-lo.

Perguntei se nós três meses a seguir resolveriam manter-se moralmente limpos e em harmonia com os princípios de virtude ensinados pelo Salvador, o que prometeram. Depois sugeri que, por si próprios, estabelecessem um programa de leitura do Livro de Mórmon, para esses três meses, de capa a capa — umas poucas folhas cada dia, orando sempre que o Senhor os abençoasse, a fim de poderem saber se tal livro é verdadeiro e proveniente dele. Concordaram.

Prevendo o que poderia acontecer, eu disse:

— Bem, se vocês contarem aos amigos o que pretendem fazer, provavelmente o primeiro comentário deles será: "Rapaz, o Irmão Dunn o embrulhou direitinho, hein?!" Pode ser que vocês próprios pensem assim uma vez ou outra durante esta experiência, mas não deixem que isto os impeça de cumprir o prometido. Se acham que poderá tornar-se um problema, mantenham tal pensamento a distância, e prossigam a experiência com toda a honestidade, permitindo que esses três meses falem por si. Se as coisas correrem como devem, vocês notarão alguns sub-produtos, como uma crescente percepção de seus semelhantes, uma preocupação e maior apreço e consideração pelos outros.

Eles aceitaram o desafio.

Naturalmente, a verdadeira finalidade era a experiência que todo membro tem direito de usufruir e todos os demais o direito de receber, isto é, o conhecimento do testemunho pessoal. Penso que ninguém mais conseguiu descrevê-lo tão bem como Brigham Young, quando disse:

"Não há outra experiência conhecida do homem mortal que se compare ao testemunho do Espírito Santo. Ele é tão poderoso quanto uma espada de dois gumes, e arde no peito humano qual fogo consumidor. Ele destrói o medo e a dúvida, deixando em seu lugar um conhecimento absolutamente sem par e incontestável de que um princípio ou coisa são verdadeiros...

"Esse mesmo testemunho tem sustentado os santos fiéis até o dia presente e será uma luz em seu caminho para todo o sempre. Os efeitos de tal testemunho atingem acima e além de todas as coisas físicas ou terrenas, transformando o relacionamento com Deus num fato literal e vibrante. Cada fibra, tanto do corpo quanto do espírito, responde à manifestação desse testemunho, e a alma conhece e vive a verdade".

E assim, a vocês, que provaram as águas de muitas fontes, apenas para descobrir que a sede insaciável da alma os impele à busca do que lhes trará paz e um coração satisfeito — vocês, sejam quem forem, membros ou não-membros — por que não vêm e tomam desta fonte, e provam e experimentam que, enfim, encontraram as águas da vida onde podem beber para a alma e nunca mais ter sede, sentindo-se cheios da alegria do verdadeiro conhecimento de Jesus Cristo, de seus ensinamentos e do propósito de sua vida?

E para esse apelo,eu presto testemunho de que sei que Deus vive. Sei que ele vive e que Jesus Cristo é o nosso Redentor e o Filho de Deus. Joseph Smith realmente viu o que afirmou, e temos um profeta de Deus sentado ao nosso lado, presidindo a esta Igreja. Eu dou este testemunho em nome de Jesus Cristo. Amém.

L.D.S. CHURCH
TRANSLATION SERVICES DEPT.
LIBRARY

O lugar-tenente de Papai Noel



Limpem os pés no capacho! — advertia severamente Marcos, monitor de patrulha da Tropa 108, à entrada dos rapazes na antiga sede dos escoteiros. Sua pele clara oferecia um nítido contraste com os cabelos pretos bem penteados. A cada semana que passava, as calças de seu uniforme de escotismo ficavam um pouco mais curtas, enquanto as mangas pareciam encolher. Mas seria um desperdício comprar um uniforme novo, agora que estava prestes a passar para Escoteiro-Sênior. Se ao menos pudesse concluir os requisitos de promoção.

Ao terminar a reunião, Marcos ficou para trás. Jorge Pereira, o escoteiro chefe, sentado à mesa, ordenando alguns papéis, levantou os olhos:

— Diga uma coisa, Marcos, quando você pretende iniciar seu projeto de serviço? Não poderá ser promovido sem ele, você sabe, não é?

— Sei sim, — replicou o garoto. — É sobre isso que eu queria falar com o senhor, Irmão Pereira. Meus pais e eu já decidimos o que fazer como projeto de serviço.

— Ótimo! E então, o que será?

— Vou ser lugar-tenente de Papai Noel. — Marcos viu o queixo de Jorge cair de assombro.

— Mas você é magricela demais, rapaz. Já sei — o que você pretende realmente é que eu tome o seu lugar, certo? — comentou Jorge, apalpando sua cintura volumosa.

— Como é que você pretende ganhar o dinheiro para um serviço como esse? — perguntou o chefe.

— Bem, sabe o que planejei fazer? Vou alugar o filme **O Passo do Tigre** e talvez consiga permissão para usar o salão da AMM. Acho que esse poderia ser um projeto comunitário, porque os residentes do bairro podem participar de um trabalho beneficente, comprando ingressos para o filme. Aqui está uma amostra de entrada que eu fiz:

O Passo do Tigre
Ala 2
Quarta-feira, 15 de dezembro, às 20 horas
Contribuição sugerida:
Adultos: Cr$ 2,00 Crianças: Cr$ 1,00

Depois, Marcos continuou a explicar:

— Eu poderia vender pipoca e amendoim ou balas e chocolate para conseguir mais renda. O lucro daria para custear o Natal de uma família. E aprenderei uma porção de coisas num projeto como esse.

— É, uma porção mesmo, — concordou Jorge. — Mas o que será, se o negócio do filme não der certo e você não arranjar dinheiro que chegue?

— Simplesmente **tem** que dar certo. Se a tropa pudesse ajudar a vender entradas e arrumar o salão e auxiliar na venda das pipocas, balas etc., eles seriam incluídos no projeto. Também estariam dando um pouco de si próprios neste Natal.

— E quanto à família necessitada?

— Mamãe telefonou ao serviço social da Prefeitura. É só ir lá que eles indicam na hora, — replicou o menino.

— Você não se está esquecendo que isto acabará com o **seu** Natal, não é? — advertiu o escoteiro chefe.

— Eu sei disso. Não estou pedindo nada para mim,



este ano. Sabe, nunca pensei que há gente que **nunca** teria um Natal, se alguém não fizesse as vezes de lugar-tenente de Papai Noel.

Jorge concordou: — Você, Marcos, deixou-nos todos para trás. Acho que teve uma idéia esplêndida.

As duas semanas seguintes foram realmente atarefadas. Mesmo na escola, Marcos ficava se preocupando com todos os detalhes a serem providenciados. Mas quando tudo acabou, sentia-se louco de alegria com o lucro obtido — mais de Cr$ 350,00. Ficou admirado ao ver diversas pessoas na Igreja apertarem sua mão e dizerem: "Toma aqui esse dinheirinho para o seu projeto" ou doarem alguma coisa especial para a causa.

O serviço social designou-lhe uma família formada pela mãe e duas crianças pequenas — uma garota de 6 anos e um menino de 4. Marcos, acompanhado pela mãe, foi visitar essa família, para certificar-se do que precisavam. Quando a mulher abriu a porta, não conseguiu disfarçar seu desapontamento. Passando a mão pela testa, comentou:

— Pensei que só gente rica fizesse isso. E agora me mandam um menino! — procurando conter as lágrimas.

— Estou certa de que poderemos dar um bom Natal para seus filhos. Do que eles precisam? — perguntou a mãe de Marcos. Armados com a lista, os lugares-tenentes de Papai Noel puseram mãos à obra.

Na manhã de Natal, Marcos foi o primeiro a acordar. "Feliz Natal para todos!" gritou, sentindo-se delirante de alegria. Enquanto a família abria os presentes, o telefone tocou. Marcos levantou o fone.

— Feliz Natal! — cumprimentou contente.

— Papai Noel? — perguntou uma voz hesitante.

Marcos, reconhecendo a voz da sra. Sousa, respondeu: — Ele mesmo.

Houve silêncio na linha. Seu coração desfaleceu — teria fracassado?

— Eu, — mais silêncio e depois: — Só queria que você soubesse que um **rapazinho** nos proporcionou o mais maravilhoso Natal que jamais tivemos. Como poderei agradecer-lhe?

Marcos ouvia as duas crianças do outro lado pedindo que a mãe as deixasse falar também. Durante a meia hora seguinte, elas tagarelaram excitadas sobre o Natal maravilhoso que tiveram.

Ao largar o receptor, seus olhos castanhos brilhavam.

— Puxa vida, este é o melhor Natal que já tive! Pensar nos outros e trabalhar por eles — mesmo sendo gente que não se conhece — é o verdadeiro espírito do Natal!

Duas semanas depois, sentado no chão da sede dos escoteiros, Marcos apresentava o relatório do projeto, enquanto Jorge ouvia atento. Depois, este perguntou:

— O que você acha que aprendeu realmente com esse trabalho, além da alegria de dar?

— Aprendi que não se pode fazer nada de valor sozinho. Precisei da ajuda de toda a minha família além dos rapazes da tropa.

— Mais alguma coisa?

— Sim, nunca antes havia compreendido o quanto mamãe me ajuda numa porção de coisas. Agora sei por que a mãe de um Escoteiro também recebe um distintivo junto com seu filho.



Dora D. Flack

História Verídica



Ainda, que eu Andasse

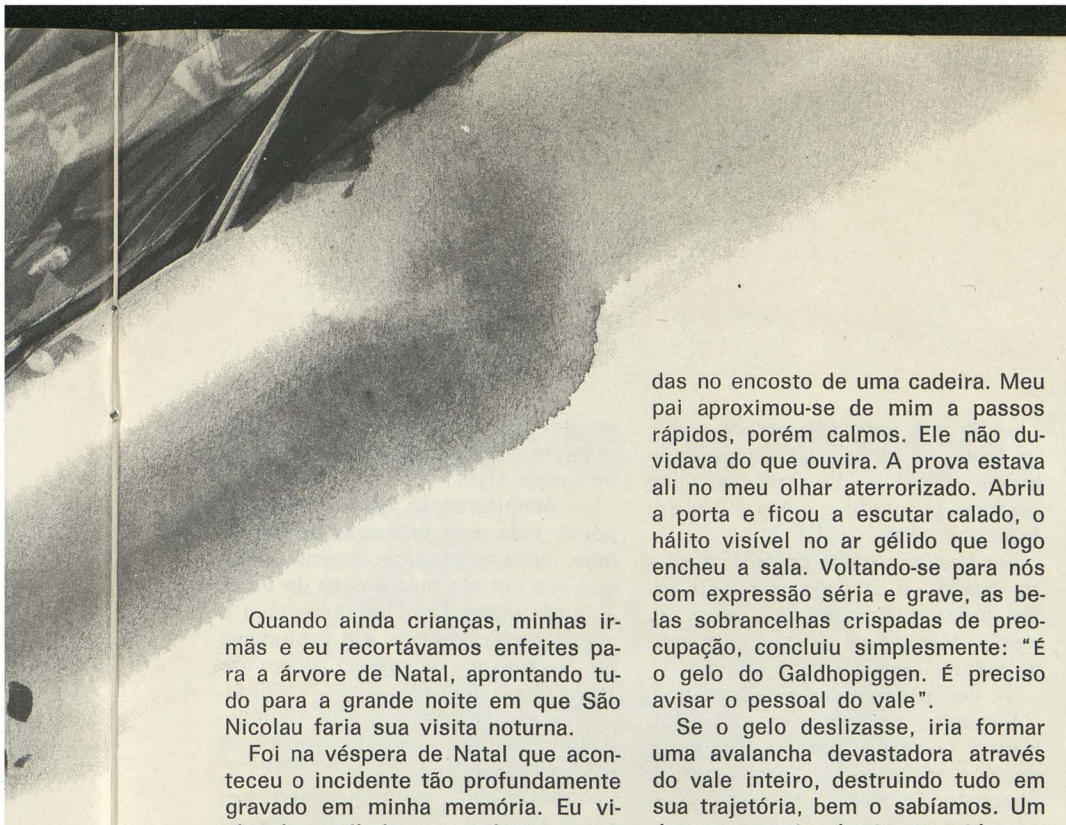
Melvin DeGraw

Lembro-me só muito vagamente de Jotun. Como os anos empanaram a memória daqueles dias de infância na longínqua Noruega! Mas também intensificaram a recordação de uns poucos acontecimentos há tantos anos passados. Os leves flocos de neve revoluteando junto à minha janela, trouxeram-me a lembrança de Jotun e aquele Natal tão distante.

Era o ano de 1918 e o inverno estava duro no vale setentrional de Jotun, Noruega, onde meu pai procurava tirar o sustento da família com um pequeno sítio. Embora a terra ali nunca fosse abençoada com o solo rico tão comum no continente ocidental, ainda assim se conseguia sobreviver às custas das magras colheitas. O trabalho era sempre árduo e gozávamos de poucos luxos.

Natal era uma data aguardada com impaciência. Em princípios de dezembro, já começávamos a decorar a casa, e as semanas seguintes viam-nos reunidos ao redor do velho piano cantando músicas natalinas. Sempre havia muitos risos e reverência à medida que o espírito do dia do nascimento do Messias alegrava a atmosfera.

Melvin DeGraw veio a interessar-se profundamente pela Igreja devido à leitura de alguns escritos anti-mórmons na biblioteca pública. Tendo sido batizado há seis anos, é agora membro ativo na Ala I de St. Louis (Missouri).



Quando ainda crianças, minhas irmãs e eu recortávamos enfeites para a árvore de Natal, aprontando tudo para a grande noite em que São Nicolau faria sua visita noturna.

Foi na véspera de Natal que aconteceu o incidente tão profundamente gravado em minha memória. Eu vinha do estábulo com o leite, apressando-me pela neve recém-caída em direção da pequena casa toda iluminada. O ar mostrava-se cortantemente gelado e as estrelas piscavam brilhantes na vasta escuridão celeste.

Repentinamente, ouvi aquele ruído — um som leve, fino, rompante que ecoou tenuemente por todo o vale. Estaquei paralisado, os pesados latões de leite nas mãos. Agora não ouvia mais nada, quando o silêncio engolfou o minúsculo platô e o vale imenso. Forcei os ouvidos, cada fibra do corpo alerta à percepção de algum ruído. Enquanto fiquei ali parado pelo que me pareceu uma eternidade, o som repetiu-se agora um pouco mais distinto que a primeira vez — um estalido áspero, rangente, apenas um eco dos cumes distantes, quando me alcançou.

Embora nunca antes tivesse ouvido algo igual, eu sabia o que significava. Milhões de toneladas de gelo, acumuladas paulatinamente no decorrer dos anos, deslizavam vagarosamente de um dos gigantescos picos!

Precipitei-me pela porta, gritando histericamente, mal conseguindo falar: "Pai o gelo está despencando! Ouvi os estalidos agora mesmo! Vai cair no vale e matar todo mundo!".

Minha voz parecia sufocar-me; calei de repente, minhas mãos agarradas no encosto de uma cadeira. Meu pai aproximou-se de mim a passos rápidos, porém calmos. Ele não duvidava do que ouvira. A prova estava ali no meu olhar aterrorizado. Abriu a porta e ficou a escutar calado, o hálito visível no ar gélido que logo encheu a sala. Voltando-se para nós com expressão séria e grave, as belas sobrancelhas crispadas de preocupação, concluiu simplesmente: "É o gelo do Galdhopiggen. É preciso avisar o pessoal do vale".

Se o gelo deslizasse, iria formar uma avalancha devastadora através do vale inteiro, destruindo tudo em sua trajetória, bem o sabíamos. Um desastre assim havia ocorrido um ano antes do nascimento de minha irmã maior, matando ambos os meus avós paternos.

Papai ponderou rapidamente. Teria que lutar contra o tempo, e a neve profunda seria um obstáculo quase que instransponível. Poderia facilmente cair num dos traiçoeiros montes de neve acumulados pelo vento e que eram impossíveis de perceber na escuridão. Ou então poderia ser vitimado com os habitantes do vale, se o alude despencasse, antes de conseguir voltar.

Nossa casa, situada num pequeno platô, com o vale estendido numa descida íngreme para o sul, estava em relativa segurança. Mas havia nove casas lá embaixo. Papai iria avisar de uma em uma e convidar todos a voltarem com ele para o platô.

Durante toda aquela noite sem fim, mamãe, minhas irmãs e eu ficamos sentados na pequena sala, petrificados pelas sombras grotescas nas paredes, desenhadas pela luz bruxuleante e amarelada das velas. O som do estalar das massas de gelo tornava-se agora mais audível, ecoando pelo vale a intervalos esporádicos. Estava deslizando uns poucos centímetros, ou quem sabe, uns metros de cada vez. Quantos segundos, minutos ou horas restariam antes que o desastre atingisse o vale?

Ao percebermos os primeiros albores da aurora através da janela, lembramo-nos de que aquele dia era uma data especial — Natal. E pensamos em papai, em alguma parte daquele mesmo vale, e que, pela força e o poder de Deus, estava sendo guiado em sua perigosa missão.

Fazia um frio cortante, e o céu arqueava-se límpido e claro, quando finalmente nos juntamos na porta, observando uma delgada coluna de pessoas caminhando vagarosamente pela encosta coberta de neve abaixo de nós. Papai, o rosto cansado e sem barbear, guiava o grupo.

Às 11h13m da manhã daquele dia do Sábado, todo o Monte Galdhopiggen pareceu despejar-se estrondosamente vale a dentro, deixando apenas destruição em sua esteira. Não restou nenhuma construção, nenhum lar para onde voltar, mas as pessoas estavam salvas. Sim, era Natal! E a despeito do arrasamento, naquele dia sentimos regozijo e demos graças ao Deus bondoso e misericordioso que poupara nossa vida...

Agora, levanto-me da cadeira e vou até a janela, observando um minúsculo floco de neve que veio repousar contra a grande vidraça, com os olhos marejados de lágrimas pela memória daquele dia inesquecível. Volto-me da janela e meu coração se aquece. Nossa árvore de Natal este ano não é grande. Os presentes dos netos esperam ser abertos pela criançada de olhar cintilante na manhã de Natal. Muito jovens e inocentes, ainda não sabem dos invernos de Jotun há tantos anos atrás. Mas nem por isso deixarão de conhecê-los algum dia, quando tiveram idade bastante, pois é uma história que precisa ser transmitida de geração em geração.

Faz muito bem ao homem deter-se por um pouco e recordar as histórias de seu pai. Traz uma alegria humilde e um espírito que permanecerá por longo tempo, depois que as memórias do Natal se desvanecerem.

Na manhã de seu septuagésimo aniversário, Amelia Wallace olhou-se no espelho e viu uma anciã. A princípio, pensou que devia ser apenas a iluminação deficiente que tornava sua face tão enrugada e o cabelo tão branco. Mas quando correu para a cozinha e mirou-se no pequeno espelho pendurado na porta dos fundos, encontrou a mesma pessoa idosa de rosto melancólico olhando para ela.

— Setenta anos, — sussurrou. — Como pôde acontecer tão depressa?

Ainda continuava ali, fitando estática a imagem refletida, quando Harvey, seu marido, embarafustou pela porta:

— Que tal alguma coisa para forrar o estômago? — disse brincando. — Acho que vou dar um pulo até o viveiro agora de manhã e comprar mais algumas mudas de macieira. Resta lugar para mais três, talvez quatro, ao longo da cerca.

Aquele Harvey e suas macieiras! Parecia não conseguir aceitar o fato de que o restrito quintal de cidade não poderia produzir a mesma safra de maçãs como a antiga fazenda com seu enorme pomar.

— Harvey, — observou Amelia, — hoje completo setenta anos.

O marido mostrou-se encabulado.

— Oh, Amelia, sinto muito. Não sei como pude esquecer. Nem sequer comprei uma caixa de bombons.

Amelia mostrou-se exasperada:

— Harvey, eu não ligo a mínima para chocolate. Você não entende? Hoje faço setenta anos. Setenta anos, compreende?

O marido piscou atônito, sem compreender.

— Bem, — disse, — setenta geralmente vem depois dos sessenta e nove, não é?

— Harvey, — observou Amelia mansamente, — eu estou velha.

Chegando mais perto, Harvey examinou detidamente o rosto familiar.

— A mim você não parece velha, — falou, os olhos azuis lampejando brejeiramente. — Eu diria que você passaria por vinte e cinco, ou quem sabe uns trinta.

Em qualquer outra ocasião, ela teria sorrido e afagado sua mão, ou lhe daria um beijo na face ainda tão macia. Mas agora ela simplesmente se voltou, dizendo:

— Vou preparar-lhe uns ovos.

Enquanto aprontava o desjejum, Harvey lavou as mãos e arrumou a mesa para os dois, tagarelando o tempo todo sobre seus planos acerca das macieiras.

— Você conhece o Bill, da seção de hortaliças do armazém? — perguntou. — Disse-me que compraria todas as maçãs que eu pudesse fornecer. A freguesia costuma procurar por elas. — Uma nota de orgulho se fazia notar na voz dele. — Estive imaginando que, se plantarmos mais algumas mudas, dentro de alguns anos valeria a pena fazer uma embalagem especial.

Amelia mal escutava o que o marido dizia. Como podia ele pensar em termos de mais quatro ou cinco anos? Será que não percebia que já tinha setenta e cinco, e que então, teria atingido os oitenta? Amelia pouco falou durante a refeição, enquanto Harvey tinha tanto a dizer. Sentiu-se satisfeita, quando, finalmente, o marido saiu em busca das mudas, comentando:

— Acho que vou trazer também umas roseiras novas para o jardim. É um presente de aniversário melhor que chocolate. As rosas você poderá admirar durante anos.

A mulher ficou observando, enquanto ele descia o caminho, assobiando, até a caminhoneta desmantelada. Ele insistira em ficar com ela, quando venderam a fazenda. Seu andar era lépido, e o corpo magro conservava-se rijo e ereto, negando o reumatismo que o afligia ocasionalmente. Ele também estava velho, mas ela duvidava de que alguma vez pensasse nisto.

— **Simplesmente não consigo suportar toda essa animação no dia de hoje,** pensou consigo mesma. **Acho que vou dar um pulo à casa de Dora.** A gente sempre podia contar com a comiseração de Dora. Ela costumava ter à mão seu volumoso álbum de fotografias que ajudava a recordarem-se dos tempos em que eram jovens e bonitas. A amiga mostrou-se satisfeita ao vê-la.

— Estava justamente pensando em você, Amélia, — falou, conduzindo a amiga até a sala de estar escurecida. Geralmente as persianas arreadas incomodavam Amélia, mas hoje, o lusco-fusco vinha a calhar.

— Acabo de ler no jornal que Arthur Bronson voltou para uma visita, — Dora continuou, — e estava-me lembrando de quando era nosso professor de inglês no colégio e todas nós tínhamos uma queda por ele. Diz o jornal que foi seu primeiro emprego e assim, imagino que voltou para ver onde iniciou sua carreira.

— Oh, sim, lembro-me muito bem, — disse Amélia sorrindo. — Naquele ano progredimos tão bem em inglês, porque queríamos agradá-lo! Era tão bonitão!

Dora remexeu um monte de jornais e apanhou um, dizendo:

— Veja aqui como está agora.

A fotografia mostrava um homem velho, curvado e encanecido, cujo único resquício de boa aparência eram os olhos escuros ainda brilhantes. Amélia ficou arrasada.

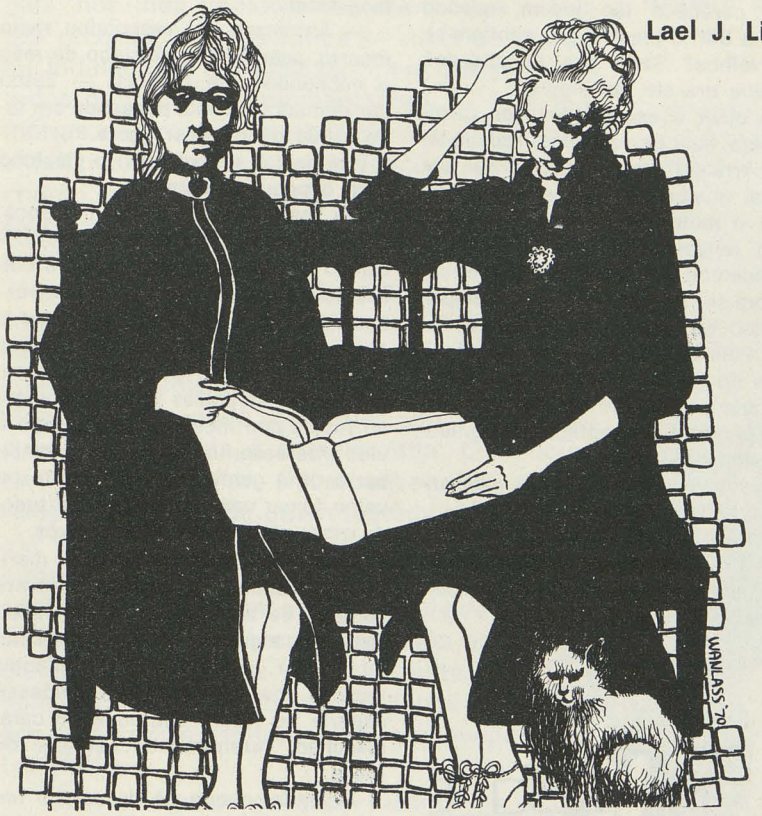
— Ele mudou um bocado, não? — comentou. Dora concordou melancolicamente.

— Tive vontade de chorar, quando vi esta fotografia. Gostava de lembrar-me dele como o rapaz jovem e romântico daqueles tempos, quando todas as garotas da nossa turma pensavam estar apaixonadas por ele.

Ficção

Uma Questão de Princípios

Lael J. Littke



Espere um instante, vou procurar as fotografias da nossa formatura. Ele deve estar também, pois era nosso professor orientador.

Dora folheou o álbum até encontrar a fotografia desejada da classe de formandas do Colégio Melton.

— Olhe só para nós, como éramos todas tão jovens!

Amélia olhou detidamente a face do jovem professor e depois os outros rostos de mocinhas, algumas sorridentes, outras compenetradas. Seu próprio mostrava uma expressão sonhadora, o olhar distante e um leve sorriso nos lábios. Por um momento, tentou recaptar os pensamentos daquela moça de dezoito anos, há mais de cincoenta anos, mas a jovem era como que uma outra pessoa que a anciã de setenta não conseguia recordar. Provavelmente estivera construindo castelos no ar em torno de seu jovem professor bonitão, pensou Amélia, sentindo-se levemente superior àquela jovem tonta que havia sido.

Seus olhos buscaram o rosto de Dora naquele grupo, encontrando-a junto a Bill Knowlton, que anos depois se tornaria seu marido. Ambos mostravam uma expressão solene.

— Você se lembra do que pensou naquele dia? — Amélia perguntou de repente.

Dora, curvada sobre o álbum, balançou a cabeça afirmativamente.

— Bill e eu tinhamos falado de como os melhores dias de nossa vida tinham acabado, agora que estávamos terminando o curso colegial.

Amélia deu uma risadinha.

— Engraçado que vocês pensassem assim, quando tinham ainda tanto pela frente.

Dora concordou: — Mas tudo agora está acabado. — Tirando um lenço do bolso do avental, enxugou os olhos. Dora sempre achava algo para chorar. — Oh, Amélia, gostaria de poder voltar aos tempos em que nossos filhos eram crianças. Ou quando estavam na adolescência e sempre ocupados com tantas coisas. Aqueles foram os melhores tempos, não é?

Amélia percorreu em pensamento seu grande acervo de anos. Seria difícil determinar quais haviam sido os melhores.

— Houve tempos bons ao longo deles todos — disse — Mesmo quando havia trabalho demais e dinheiro de menos.

Sim, mesmo esses haviam sido bons anos. Era divertido lembrá-los agora, mas não tinha muita certeza de querer voltar atrás e vivê-los mais uma vez. Naqueles tempos, sempre pensavam no futuro, quando então a vida seria melhor e mais fácil, por isso não faria sentido voltar atrás.

— Dora, — observou — Você sabe que hoje é meu septuagésimo aniversário?

— Oh, não! — exclamou esta, como se alguém acabasse de lhe dizer que o telhado arriou. — Isto quer dizer que eu terei setenta anos no mês que vem.

Uma questão de Princípios

Balançando a cabeça, ecoou os pensamentos anteriores de Amélia:

— Como é, Amélia, que chegamos a este ponto tão depressa? Parece que ainda ontem nos formávamos no curso colegial. Veja aqui todas nós, pensando que realizaríamos alguma coisa de importante no mundo, — acrescentou, suspirando. — Acho que nenhuma de nós fez grande coisa. E agora é tarde demais.

Amélia endireitou o corpo:

— Dora, como pode afirmar que ninguém fez grande coisa? Talvez nenhuma de nós tivesse o nome estampado na primeira página de um jornal, mas vivemos uma vida boa, criamos bons filhos. E veja como nossos filhos estão: O seu, Bill Jr., fazendo nome por esforço próprio, e David, o meu, e todos os outros, indo tão bem. Gosto de pensar, que fiz jus a um pequeno crédito, iniciando-os no caminho que escolheram, mesmo que fosse somente para enchê-los de amor e de pão feito em casa. Depois, olhe o Arthur Bronson e todas as vidas que influenciou em sua carreira de professor.

E quanto a ser tarde demais, Amélia refletiu, Harvey continuava trabalhando em seu pomar e ganhando uma fama modesta como produtor de excelentes maçãs. Pensando em Harvey, de repente sentiu vontade de ir para casa.

— Creio que é melhor eu ir andando, Dora. Harvey logo estará de volta e ficará imaginando aonde eu fui.

Dora acompanhou-a até o portão.

— Bill sentirá muito não tê-la encontrado, — falou. — Ele sente-se tão solitário. Saiu para dar uma volta esta manhã. Parece que não consegue encontrar o que fazer. Fica somente sentado, pela casa, desejando poder trabalhar como antigamente. Venha sempre conversar um pouco, — acrescentou, enquanto Amélia pôs-se a descer a rua.

Amélia chegou em casa antes do marido. Mal podia esperar ouvir seu assobio alegre. O que havia nele que fazia parecê-lo tão jovem, quando Dora e Bill, e mesmo ela, sentiam-se tão velhos? Seria sua jovialidade? Por que era ele tão alegre?

Ao ouvir o escapamento da caminhoneta, saiu de casa para recebê-lo.

— Arranjei umas rosas de que você vai gostar, — Harvey gritou, ao parar o motor trepidante. Abrindo a porta rangente, desceu do carro e acrescentou: — Aquelas trepadeiras. Lembra-se, Amélia, que você sempre desejou ter um caramanchão de rosas? Pois então, vou fazer um lá no canto do jardim e plantar as mudas em toda a volta. Em um par de anos, você poderá ficar sentada inteiramente rodeada de rosas.

Lá estava ele novamente, pensando em termos de anos futuros.

— Será ótimo, Harvey.

Ela ficou olhando o marido descarregar as roseiras e mudas de macieiras da caminhoneta.



— Harvey, você alguma vez se lembra de quando éramos moços? De todas as coisas que então pretendíamos fazer?

— Às vezes, — respondeu meio incerto, agarrando o carrinho de mão e enchendo-o de plantas. — Estou por demais ocupado, pensando em tudo o que quero fazer **agora.**

E lá se foi, empurrando o carrinho para o pequeno pomar.

Era isso. Ali estava a diferença. Harvey olhava para a frente, encontrando coisas para fazer agora e coisas que esperava fazer no futuro, enquanto Dora e Bill e ela voltavam o olhar para trás, para as coisas que já estavam feitas. Quando eram moços, foram as coisas que pretendiam no futuro que lhes haviam tornado a vida interessante. Talvez que grande parte de a gente sentir-se jovem ou velha fosse uma questão de atitude, de olhar para frente ou para trás.

Sorria, enquanto escutava o marido assobiando baixinho, sentindo até vontade de assobiar também. Ainda restavam algumas coisas que planejara fazer. Primeiramente, plantar aquelas roseiras, para que pudesse esperar no futuro sentar-se no caramanchão, inteiramente cercada de rosas.

— Então, o que há de errado em ter setenta anos? — disse em voz alta. Pegando o espelho lateral da caminhoneta, ajustou-o de modo a ver sua imagem que a encarava com um sorriso. O cabelo, embora encanecido, continuava macio e brilhante, e os olhos luziam contentes no rosto afogueado.

Até que não pareço ter setenta anos, não senhora, pensou Amélia. Ninguém me daria mais que sessenta e cinco.

Lael J. Littke, professora na Escola Dominical da Ala Pasadena Leste (Califórnia), é dona de casa e mãe, cujos contos têm sido publicados recentemente em diversas revistas americanas, entre elas Ladies' Home Journal.

Recordações de Natal

Richard L. Evans



Nesta estação do ano, entremeiam-se tantas coisas: Crianças — inocência, expectativa; entes queridos — retorno ao lar, contentamento, doçura, alegria; às vezes, solidão — graves preocupações; certa medida de generosidade, certo aflorar do eu melhor; além disso, tantas coisas mais — tudo mesclado com perdoar e esquecer, e com recordações de todos os anos idos que se fundem e misturam com o momento presente. Vocês, pais, nós lhes imploramos, dêem boas e felizes recordações aos filhos — nada de mimos ou indulgência em excesso, nem satisfazendo todos os caprichos momentâneos — mas memórias de amor, incentivo, de paz e harmonia e felicidade no lar — recordações que abençoarão e elevarão a vida deles estejam onde estiverem, sempre e para sempre. Assim como a vida, elas chegam e se vão tão ligeiras. Oh, vivamo-la com arrependimento e progresso, com honestidade e honra, e com harmonia de mente, coração e espírito — além de todas as coisas tangíveis tão em evidência. E, sem dúvida, não se pode conceber um Natal sem aquele cuja vinda é comemorada: O Príncipe da Paz, o Filho de Deus, nosso Salvador e Redentor, acerca de quem testemunhamos que ele vive, lá do fundo da convicção de nossa alma. "Eu sei que o meu Redentor vive." (Jó 19:25). Oh, possamos jamais olvidar o que Deus nos deu, ou acentuar demais as desgraças de nossa época, mas enfrentar o futuro com paciencia, gratidão e fé, lembrando sempre as palavras esperançosas, comovedoras de Longfellow[1]:

Ouví, os sinos de Natal tocando os velhos hinos que tanto conhecemos. O vigoroso clangor e o suave bimbalhar repetiam a oração de "paz na terra e boa vontade entre os homens". Curvei a fronte em desalento, meditando: "Não há paz na terra, porque o ódio é demasiado forte e zomba deste hino que proclama "paz na terra e boa vontade entre os homens". Mas eis que, nesse instante, os sinos ergueram ainda mais alto seu clamor, reafirmando: "O nosso Deus não morreu, nem dorme. O mal fracassará, e o bem há de vencer, com "paz na terra e boa vontade entre os homens".

1 **Henry Wodsworth Longfellow — Poeta americano, professor na Universidade de Harvard; 1807-1882.**

Missão Brasil Central

Foram acumulados os totais referentes aos meses de maio a agôsto/71.

ALA/ESTACAS RAMOS/DISTRITOS	ENDERÊÇO	BISPOS/ PRESIDENTES	N.º de Membros	N.º de Famílias	N.º de Assinantes d'A Liahona	N.º de Missionários	CONVERSÕES Março	CONVERSÕES Total
Ala III — S. Amaro	R. São Benedito, 504	Juan C. Vidal	539	129	54	4	6	34
Ala IV — Pinheiros	R. Brig. Faria Lima, 1980	Domingos Gutto	714	283	34	4	6	34
Ala V — Pinheiros	R. Brig. Faria Lima, 1980	Humberto Silveira	901	381	83	4	9	47
Ala VI — Perdizes	R. Caiubi, 345	Júlio Klappoth	538	280	122	4	1	28
Ala VII — Casa Verde	R. Antenor Guerlândia, 34	Giorgios H. Orfanos	418	186	16	2	9	23
Ala VIII — Santana	R. Padre Donizetti, T. Lima, 28	Mitsuru Kikuchi	1047	416	27	6	8	40
Ala I — Sorocaba	R. Gen. Osório, 515	Nelson de Genaro	464	170	34	4	4	86
Ala II — Sorocaba	R. Gen. Osório, 515	Raimundo José Libânio	337	139	21	4	2	58
Itú		João Archisa	—	—	—	—	6	10
Jaçanã	R. Francisco Rodrigues, 67	Benedito Pires Dias	163	69	10	2	9	37
Lapa	R. Guararapes, 470	Oswaldo S. Camargo	331	131	16	2	—	15
Osasco	R. Pedro Fioretti, 265	Walter B. Jäsche	270	97	33	2	2	23
Pedreira	R. Prof. Guilherme B. Sabino, 151	Alberto Barbagallo	285	115	39	4	7	80
Sorocaba III	R. Quinzinho de Barros,	Moacyr Matavelli	—	—	—	—	5	11
Tucuruvi	R. Padre Donizetti T. Lima, 28	Adolfo Chichizzola	—	—	18	2	7	32
Vila Sônia		Geza Hervath	—	—	1	—	—	3
ESTACA SÃO PAULO	**R. Brig. Faria Lima, 1980**	**WALTER SPÄT**	**6007**	**2396**	**508**	**44**	**81**	**561**
Ala I — Vila Mariana	R. Maurício Klabin, 92	Rodamés Sceppa	508	265	61	6	1	29
Ala II — B. Saúde	R. Ibituruna, 82	Antonio Andreolli	677	321	68	4	10	54
Ala IX — V. Maria	Pr. St.º Eduardo, 129 1.º and.	Francisco Barreto	296	119	15	2	1	25
Ala X — Penha	R. Rodovalho Júnior, 666	Hugo Hohene	1055	453	18	4	8	87
Ala XI — Moóca	R. da Moóca, 4835	Frederico M. Puertas	784	345	37	6	11	63
Cambucí	R. Lavapés, 1051	José G. Galhardo	160	65	23	2	1	17
Guarulhos	R. Santa Izabel, 23	Luiz Cunha	138	50	14	2	2	34
Ipiranga	R. Maurício Klabin, 92	Waldemar N. Barros	270	103	29	4	6	19
Jabaquara	R. Ibituruna, 82	Ilo M. Souza	280	124	17	4	6	58
Vila Prudente	R. Ibitirama, 700	Horácio C. Pereira	384	173	22	4	6	52
ESTACA S. PAULO LESTE	**R. Ibituruna, 82**	**HÉLIO DA R. CAMARGO**	**4552**	**2018**	**304**	**38**	**52**	**438**
Ala de Santo André	R. Catequesi, 432	João H. Fin	896	171	32	6	12	35
Ala de Santos	Av. Valdemar Leão, 305	José G. Lopes	875	—	25	6	22	84
Ala de São Vicente	R. Dom Lara, 504	Adriano Silva	407	170	40	4	2	66
Gonzaga	R. Paraíba, 94	Daniel da Glória	312	113	56	4	—	30
Guarujá	Av. Ademar de Barros, 198	Eurico P. Schimidt	—	16	1	2	10	50
Mauá	R. Alvares Machado, 19	Ademar Leal	142	44	9	2	4	19
Ponta da Praia	R. Alvaro Alvim, 9	Nívio Varella Alcover	210	117	132	2	1	26
Praia Grande	Av. Brasil, 299	Ivo dos Santos	—	8	—	2	3	16
Santo André II	R. Sargento Cid, 248	João Barea	185	90	6	2	—	26
Santo André III	R. Baturité, 39	Ferrer da Costa Filho	—	—	11	2	—	15
São Bernardo	R. Cândido Portinari, 68	Camilo Antunes	138	65	13	2	—	17
São Caetano	R. Peri, 254	Orlando Pagano Jr.	324	—	16	2	5	27
ESTACA SÃO PAULO SUL	**R. Catequesi, 342**	**SAUL M. DE OLIVEIRA**	**3489**	**794**	**341**	**36**	**59**	**411**
Ala I — Curitiba	Av. Iguassu, 1460	Leonardo Taparoski	810	264	10	4	1	42
Ala II — Curitiba	R. Gottlieb Muller, 96	Nobuo Suzuki	443	176	11	2	3	31
Ala III — Curitiba	R. Mateus Leme,	Francisco Gomes	676	322	22	4	4	34
Ala IV — Curitiba	Av. Iguassu, 1460	Júlio Mourão	463	201	19	4	4	24
Ala V — Curitiba	R. Bartolomeu L. Gusmão, 3139	Antonio de Mello	540	230	20	4	1	54
Ala VI — Curitiba	R. Manoel Ribas, 100	Silvino M. Loeblein	341	205	15	2	4	21
Ala I — Ponta Grossa	R. Bonifácio Vilella, 460	Rosaldo Gaetner	339	121	8	2	8	31
Ala II — Ponta Grossa	R. Bonifácio Vilella, 460	A. Bruno Schmeil	502	194	15	2	6	19
Ala de Joinville	R. Max Collin, 426	João Brassanini	—	—	25	—	—	—
ESTACA DE CURITIBA	**R. Gottlieb Muller, 96**	**JASON G. SOUZA**	**4114**	**1713**	**145**	**24**	**31**	**256**
Araçatuba	R. Luiz Pereira Barreto, 245	Horácio Saito	346	117	18	4	11	42
Araraquara	R. Voluntários da Pátria, 1209	Geraldo de Mendonça	522	330	19	4	—	14
Baurú	R. Gustavo Maciel, 1641	Jan Tao	251	129	6	2	3	22
Marília	R. Lima e Costa, 318	Marcos Rubio	202	109	5	2	3	12
Ribeirão Prêto	R. São Sebastião	Orivaldo dos Santos	450	197	36	4	6	45
São José do Rio Prêto	R. Mal. Deodoro, 2846	Oscar de Oliveira	327	110	15	4	1	26
DISTR. DE ARARAQUARA	**R. Voluntários da Pátria, 1209**	**JALAL SAMAHA**	**2098**	**992**	**99**	**20**	**24**	**161**
Campinas I	R. Duque de Caxias, 645	Francisco Máximo F.º	259	123	32	2	3	18
Campinas II	R. Frei Manuel Ressurreição, 696	Henrique Moura	542	226	19	2	1	17
Campinas III	R. Duque de Caxias, 645	Luiz S. Pinto	576	175	9	2	—	14
Campinas IV	R. Duque de Caxias, 645	Evaldo Martins	582	—	16	2	1	19
Jundiaí	R. Bartolomeu Lourenço, 202	Francisco Ribeiro	373	143	19	2	—	9
Piracicaba	R. Morais Barros, 369	Nelson Gonçalves	229	68	17	2	—	7
Rio Claro	R. Seis, 1438	Ernestino Pereira	340	111	18	2	5	19
São José dos Campos	Av. Mal. Floriano Peixoto, 208	Expedito J. Saraiva	89	31	4	2	6	19
DISTR. DE CAMPINAS	**R. Frei Manoel Ressurreição, 696**	**EDUARDO C. NALLI**	**2990**	**877**	**134**	**16**	**16**	**122**
Apucarana	R. Clotário Portugal, 1126	José G. Testa	88	26	11	2	2	10
Londrina	R. Belo Horizonte, 1236	Claudio P. Gameiro	573	270	12	2	1	21
Maringá	R. 15 de Novembro, 1040	Altamiro Barcello	129	42	17	2	—	19
Presidente Prudente	R. Pedro de Oliveira Costa, 234	Bruce Barrett	84	48	10	4	1	9
DISTRITO DE LONDRINA	**R. Belo Horizonte, 1236**		**874**	**386**	**50**	**10**	**4**	**59**
MISSÃO BRASIL CENTRAL	**R. Henrique Monteiro, 215**	**SHERMAN H. HIBBERT**	**24124**	**9176**	**1581**	**188**	**267**	**2008**

Disputa entre Campeões

É **fôgo torcida brasileira,** a coisa está ficando preta para o Ramo da Tijuca, é bom que eles se cuidem, pois a Ponta da Praia e a Ala VI — Perdizes, estão dispostos a superá-lo a qualquer custo. Atenção recifenses, voces foram deixados para trás, sabemos, entretanto, que irão reassumir o primeiro lugar! Afinal, sempre se mantiveram na liderança. Façam àquele esfôrço e renovem as assinaturas vencidas.

O Bispo Rodamés Sceppa, da Ala I — V. Mariana-ESPL, com suas 61 assinaturas, declarou-nos que está disposto a entrar na disputa, e não vai ter sossêgo até atingir a primeira colocação, e estamos certos que conseguirá!

Atenção, Ala V — Pinheiros — Bispo Humberto Silveira! Não nós esquecemos de voces; dêem aquela arrancada, faltam poucas assinaturas para atingirem a meta!

Sua Ala ou Ramo poderá vir a ser o próximo contemplado, portanto, contribua para isso, renovando ainda hoje sua assinatura. Ah! lembre-se de seus amigos! Que tal oferecer-lhes uma assinatura d'A Liahona, como presente de Natal? Serão doze visitas contínuas e eficazes que a Igreja lhes fará, durante o próximo ano. Lembre-se: **"todo membro é um missionário"** Voce tem uma idéia mais prática de como tornar-se um deles?

Atenção, **Presidente Arnold — MBS,** estamos ansiosos por ver o **Sul** competir com as demais unidades! Confiamos em voces!

Ao terminar, queremos cumprimentar o **Presidente Jason Garcia de Souza,** pela formação da **Estaca de Curitiba,** voces almejaram e conquistaram uma grande meta, agora estamos certos que as unidades dessa nova estaca, no mínimo dobrarão o número de assinaturas.

Na corrida dos campeões, figuram os seguintes colocados:

1.º	**Tijuca - Pres. Wilson S. Pureza**	**173**
2.º	**Ponta da Praia - Pres. Nívio V. Alcover**	**132**
3.º	**Ala VI - Perdizes - Bispo Júlio Klappoth**	**122**
4.º	**Recife - Pres. Evaldo F. de Oliveira**	**107**
5.º	Ala V - Pinheiros - Bispo Humberto Silveira	83
6.º	Ala II - B. Saúde - Bispo Antonio Andreolli	68
7.º	Ala I - V. Mariana - Bispo Rodamés Sceppa	61
8.º	Gonzaga - Pres. Daniel da Glória	56
9.º	Ala III - St.º Amaro - Bispo Juan C. Vidal	54
10.º	Ala de São Vicente - Bispo Adriano Silva	40

Temos ofertado todos os meses as unidades que conseguem **10 assinaturas novas ou renovações no mês,** uma de presente, neste mês, presenteamos as seguintes unidades:

Ala/Ramo	Conseguidas no Mês	Ofertadas à Unidade
1.º Ala VI - Perdizes - Bispo Júlio Klappoth	**65**	**6**
2.º Ponta da Praia - Pres. Nívio V. Alcover	42	4
3.º Tijuca - Pres. Wilson S. Pureza	21	2
4.º Recife - Pres. Evaldo F. de Oliveira	19	1
5.º Ala III - St.º Amaro - Bispo Juan C. Vidal	12	1
6.º Santo Angelo - Pres. Décio Oliveira	10	1

Ao introduzir uma nova coluna nosso porpósito é incrementar a disputa entre os Presidentes de Missões e Estacas, afinal sob as mãos desses grandes homens o Evangelho é sustentado no Brasil.

O cômputo geral das Estacas e Missões êste mês é o seguinte:

Estaca/Missão	Número de Membros	Iniciadas no Mês	Total de Assinaturas
1.º MISSÃO BRASIL NORTE PRES. GEORGE A. OAKES	**51178**	**65**	**661**
2.º Estaca São Paulo Pres. Walter Spät	6007	99	509
3.º Missão Brasil Central Pres. Sherman H. Hibbert	6364	15	470
4.º Missão Brasil Sul Pres. Orson P. Arnold	9000	14	425
5.º Estaca São Paulo Sul Pres. Saul M. Oliveira	3489	56	341
6.º Estaca São Paulo Leste Pres. Hélio da R. Camargo	4345	18	304
7.º Estaca de Curitiba Pres. Jason Garcia de Souza	4265	6	145



Na foto, Pres. George A. Oakes e sua espôsa Irmã Jeanneth.

Nova Presidência na MBN

O **Presidente George A. Oakes,** com sua família, desembarcou no Rio dia 8 de julho, para assumir a Presidência da Missão Brasil Norte, em substituição ao Presidente Hal R. Johnson, que retornou aos Estados Unidos.

O Presidente Oakes, membro converso da Igreja, é formado em Administração Comercial e Contabilidade, como também em Direito. Serviu missão no Brasil, atuando como Presidente dos Ramos de Niterói e Santo Amaro e posteriormente como Presidente do Distrito de São Paulo (o embrião das atuais estacas paulistas).

Após seu retôrno trabalhou junto ao Escritório do Promotor de Los Angeles na Promotoria de fraude e casos de felonia criminosa. Serviu durante quatro anos como bispo na Ala de Highland Park e posteriormente sumo-conselheiro da estaca de Glendale.

A irmã Oakes, (Jeanneth Nellie Hubbert), é formada em literatura anglo-hispanica, foi professôra de Seminário durante oito anos, Presidente da AMM de Ala e Estaca, o que lhe propiciou muita experiência com as auxiliares.

Os Oakes são devotados ao trabalho do Senhor, trazendo consigo a força espiritual e experiência no campo missionário, estão solicitos por ver o progresso da Igreja naquela área.

Missão Brasil Norte

* Foram acumulados os totais referentes os meses de março/71 à agôsto/71.

RAMOS/DISTRITOS	ENDEREÇO	PRESIDENTE	N.º de Membros	N.º de Famílias	N.º de Assinantes d'A Liahona	N.º de Missionários	CONVERSÕES Agôsto	CONVERSÕES Total *
Belo Horizonte	R. Levindo Lopes, 214	Cláudio I. Bueno	466	156	21	8	1	10
Floresta	R. Levindo Lopes, 214	Daniel Laguardia	308	115	5	8	8	16
Juiz de Fora	R. Espírito Santo, 743	Scott Knecht	288	96	13	4	1	3
Distrito de Belo Horizonte	**R. Levindo Lopes, 214**	**Angelo B. Perillo**	**1062**	**367**	**39**	**20**	**10**	**29**
Anápolis	R. 7 de Setembro, 281	Everton P. Monteiro	23	—	9	4	2	4
Brasília	Av. W5, mod. 59, n.º 913	Luiz M. Barros	304	123	34	6	6	13
Goiânia	R. 55, n.º 33, CP 714	Paul Gustavson	226	81	20	8	21	28
Taguatinga	QNB 5, Lote 40	Pedro B. Pradera	96	30	—	4	7	31
Distrito de Brasília	**Av. W5, mod. 59, n.º 913**	**Wayde C. Stoker**	**649**	**234**	**63**	**22**	**36**	**76**
Cascadura	R. Silva Telles, 99	Lery T. Carvalho	524	193	38	16	12	77
Jardim Botânico	R. Zara, 17	Humberto R. Porto	375	145	12	14	12	23
Meier	R. Silva Telles, 99	Antonio A. Costa	286	118	29	10	4	23
Niterói	R. Miguel Couto, 418	Emmanuel M. Brito	405	179	38	8	1	12
Nova Friburgo	Av. Galdino do Vale, 43	Everton Monteiro	50	16	1	4	—	3
Petrópolis	R. Tereza, 52	Antonio Mendonça	199	63	7	4	6	11
Teresópolis	R. Carmela Dutra, 661	Wilmar Gaertner	229	47	7	2	—	1
Tijuca	R. Silva Telles, 99	Wilson S. Pureza	464	218	173	8	1	26
Vitória	R. Barão de Monjardim, 107	Elverson B. T. Miranda	102	34	10	4	1	4
Volta Redonda	R. Panamá, 11	Heraldo B. Barroso	76	19	14	—	—	—
Distrito do Rio de Janeiro	**R. Silva Telles, 99**	**Valdemar Cury**	**2610**	**1032**	**329**	**70**	**30**	**180**
Campina Grande	R. Siqueira Campos, 655	José F. Barbosa	70	18	9	4	4	4
Fortaleza	R. Barão de Aracatí, 786	Ralf L. Price	72	28	18	4	5	5
João Pessoa	Av. João Machado, 765	Luís P. de Carvalho	156	32	19	4	9	10
Recife	R. das Ninfas, 30	Alfredo F. T. Miranda	451	153	107	12	13	40
Distrito de Pernambuco	**R. das Ninfas, 30**	**José Orlando Lemos**	**749**	**231**	**153**	**24**	**31**	**59**
MISSÃO BRASIL NORTE	**R. Stefan Zweig, 158**	**GEORGE A. OAKES**	**5070**	**1864**	**584**	**136**	**107**	**344**



Flor de M
lhantou o

Na foto o
vencendo





Flor de Manacá, **encenada pelos jovens da Ala I - V. Mariana e Ipiranga, abrilhantou o programa da conferência trimestral da ESPL, realizada dia 10/9/71.**



Élder Teodore M. Burton, assistente do Conselho dos Doze, conferenciou com bispos e presidentes, quando de sua visita à São Paulo, dia 11/9/71.

NOTÍCIAS DA ESPL

L.D.S. CHURCH
TRANSLATION SERVICES DEPT
LIBRARY

Na foto os seminaristas do Jabaquara, que se destacaram pela sua atuação, vencendo o concurso inter-alas de busca de Escrituras, realizado dia 25/9/71.



Num ambiente de camaradagem os jovens da ESPL, divertiram-se a valer no Baile da Primavera, realizado dia 25/9/71.



